

CONTOS LOVECRAFTIANOS
NA CIDADE DAS SETE COLINAS



• A SOMBRA SOBRE •
LISBOA

Editado por Luís Corte Real



Introdução

CRUZEI-ME PELA PRIMEIRA VEZ COM A OBRA DE H. P. LOVECRAFT QUANDO tinha quinze anos. Duas edições baratas de o *Caso de Charles Dexter Ward* e *Nas Montanhas da Loucura*. E se é verdade que, na altura, essas leituras não me marcaram profundamente, não deixei de sentir uma leve sensação de desconforto com aqueles contos. Depois esqueci o senhor de Providence durante mais de dez anos.

Voltei a reencontrá-lo quando decidi experimentar o RPG (*role-playing game*) da Chaosium que dá pelo nome de *Call of Cthulhu*. Um jogo de interpretação comparável ao clássico *Dungeons & Dragons*, mas muito mais maduro, tortuoso e recompensador para jogadores exigentes. A paixão por aquele imaginário foi tal que devorei a obra de Lovecraft. E um dia, quando me tornei editor, tornou-se imperativo tê-lo no nosso catálogo. Aqui para nós, só ficarei descansado quando toda a sua obra estiver disponível em grandes traduções para português. Vai demorar um pouco, é certo, mas se Cthulhu pode esperar milénios, os fãs aguentarão pelo menos uns anos.

Surgiu então a ideia de celebrar o imaginário lovecraftiano de outra forma. Com uma antologia de originais. De original a ideia nada tem, pois são muitas dezenas as antologias que se escreveram inspiradas na obra de HPL, o que só prova a força que o seu imaginário teve, tem e parece-me que continuará a ter, na cultura popular ocidental. Mas esta é uma antologia especial. Não só porque é a primeira em Portugal do género, mas porque a sua personagem principal é Lisboa, a cidade das sete colinas. Cidade milenar que viu muitos conquistadores, Lisboa tem a sua parte de segredos, casos, sombras, horrores, despertares, cores, loucuras, aventesmas, celebrações, paredes com ratos e soleiras assombradas.

Não foi difícil encontrar autores interessados em participar em *A Sombra Sobre Lisboa*, dos profissionais aos amadores, dos que já publicaram várias obras aos que nunca publicaram nada. Pelo meio, temos advogados, biólogos, cineastas, psicólogos, professores, consultores, músicos, estudantes, etc... Mais uma vez, a força do imaginário lovecraftiano atravessa a sociedade e abarca várias gerações, pois temos autores da casa dos vinte à casa dos setenta anos.

Bem, chegou a altura de terminar este prefácio e dar voz aos que têm algo mais interessante para contar. Espero que se divirta tanto a ler esta obra como eu a editá-la. E mesmo que *A Sombra Sobre Lisboa* não o vá marcar profundamente, talvez da próxima vez que se encontrar num beco isolado de Alfama, ou descer a uma cave escura da Baixa, sinta uma leve sensação de desconforto e se lembre que os tentáculos de Cthulhu não conhecem limites e que também Lisboa pode um dia despertar.

Luís Corte Real
Parede, 2006

ROGÉRIO RIBEIRO



• O PRIMOGÊNITO •



ROGÉRIO RIBEIRO nasceu em Torres Novas, em 1971; de madrugada, pelo puro prazer de incomodar a vizinhança tal a ofensa que tomou por ter sido arrancado às suas fantasias pueris.

Licenciou-se em Biologia e enveredou pela investigação científica, tendo artigos publicados internacionalmente e prémios no currículo. Como uma desgraça nunca vem só, foi editor do fanzine Dragão Quântico e é editor da revista Bang!, membro-fundador e presidente da Épica – Associação Portuguesa do Fantástico nas Artes, e organizador do Fórum Fantástico (em 2006 na terceira edição).

Quem o vê não acredita que nasceu prematuro, quase morrendo à fome, e que na adolescência escapou por um triz, ou melhor, três trizes, a morrer de queda, atropelado ou afogado. Conclusão: A sua existência é uma improbabilidade estatística... mas o planeta tem sobrevivido a coisas piores.

Rogério Ribeiro pode ser normalmente encontrado com a cara nos livros, iPod nos ouvidos e a cabeça na Lua.

Colónia Fenícia de Alis Ubbo.
1200 a.C.

I

CONTAM OS ANCIÕES NOS SERÕES À VOLTA DA FOGUEIRA QUE AS SEREIAS do rio Taghi, apesar da elegância e rapidez com que se deslocam no meio aquático, são bastante desastradas em terra, mesmo sobre duas pernas. Para o jovem Gebal tornava-se agora evidente que os anciões não sabiam do que falavam.

Imerso na mata cerrada a oeste de Alis Ubbo, Gebal procurava freneticamente por sinais da passagem da sereia. Nessa mesma manhã, fora com relutância que tomara como verdadeiras as estranhas marcas que cobriam o areal da praia onde tinha por hábito guardar a canoa. Da borda da água até à orla do arvoredo desfilavam perante os seus olhos os indícios de um corpo que saíra do rio e se agitara violentamente pela inclinação do areal acima, cada vez menos pesadamente, até atingir a vegetação sob a forma de um grupo de ligeiras e bem espaçadas pegadas, claramente humanas e femininas. Apesar de estar habituado a ser alvo dos constantes embustes dos outros rapazes e raparigas da colónia, fruto dos rumores que asseguravam que ele comunicava com os espíritos do mundo subterrâneo, Gebal, um excelente rastreador, não conseguira encontrar sinais de trapaça, e lançou-se imediatamente em perseguição da presa.

Se o sacrifício de meras ovelhas tinha até ali garantido a prosperidade de Alis Ubbo, reflectida no estanho, sal e vinho que enviava anualmente em tributo para granjear o amor da urbe-mãe Tiro, que grandes bênçãos choveriam sobre a remota colónia fenícia se sacrificasse no altar de Melqat um ser-vivo um passo mais perto dos deuses que os humanos? Quem sabe, mesmo àquela distância, se tratasse de uma filha de Atargatis da Assíria, a sereia primeva?

Mas primeiro havia que apanhá-la. E antes disso, que descobrir por onde fugira com tão apreciável ligeireza.

Ao entrar, cuidadosamente, numa clareira, reencontrou o rasto. Começando sensivelmente no local de onde ele próprio surgira, as mesmas pegadas, embora agora denotando uma passada mais lenta, seguiam em linha recta até ao grande carvalho que emergia no lado oposto. Mantendo-se na sombra, Gebal contornou a clareira até atingir a árvore centenária.

Na base do carvalho, como que abraçado pelas grossas raízes que se projectavam da árvore à superfície do terreno, repousava um pequeno altar de pedra cinzenta, apoiado na casca rugosa e coberta de cicatrizes provocadas pelo tempo e por cortes que denotavam mão humana. De um deles, ainda fresco, corria presentemente um fio de seiva em direcção ao altar. Sobre a pedra, uma dourada exalava o reminiscente dos fluidos vitais marinhos que lhe animavam a vida. Com a parte dorsal atravessada por uma ponta de pedra delicadamente esculpida, o desafortunado peixe já pouco mais fazia que mover ligeiramente a boca, enquanto os olhos vitrificavam rapidamente. Nesse momento, as escamas pareceram incandescer, por um breve piscar de olhos, anunciando a efectivação do sacrifício.

Acto contínuo, Gebal lançou-se de joelhos ao solo. Enfiando as mãos na terra, sob a camada de folhas e outros detritos semi-decompostos que a cobriam, cerrou os olhos com força, obrigando-se a um momento de concentração.

— Baal —, murmurou entre dentes, — Baal-Hammon.

Mas era tarde demais para evocar a protecção divina dos deuses do Levante. Sob as palmas das mãos, sentiu que as fibras vegetais davam lugar às fibras de outro tecido. A própria realidade estava a ser desfiada e reentraçada, respeitando agora um novo padrão, quase imperceptivelmente diferente mas de facto diferente.

Um sortilégio metamórfico!

Consequência das energias que haviam sido invocadas, a leve brisa, que até ali tinha mantido o dia fresco, cresceu rapidamente. Com o aumento do restolhar da vegetação pela força do vento, Gebal reparou pela primeira vez na ausência dos ruídos naturais da mata e num som mais agudo, que aumentava de intensidade. Acreditando que os deuses ou os demónios do mundo inferior se preparavam para interferir no seu dia-a-dia, manteve-se imóvel, gelado e expectante. O som que detectara parecia aproximar-se e revelar-se numa exótica canção, relaxante e hipnótica.

Alheado, como se estivesse a observar um sonho, Gebal viu uma figura feminina a correr por detrás da primeira fila de árvores que rode-

ava a clareira. A sua pele era pálida, os olhos duas orbes negras lustrosas e era sem dúvida de entre os seus finos lábios que emergia a melodia que presentemente lhe toldava a mente. Ela envergava um vestido colado ao corpo, de um tecido fibroso como algas, mas diáfano e leitoso, que parecia ter sido lavado em sangue.

A criatura olhou para Gebal com uma equivalente expressão de espanto, aparentemente notando a sua presença pela primeira vez. No entanto, enquanto a expressão do colono deslizou da surpresa para um estado generalizado de excitação sexual, o seu olhar agora mais interessado nos pequenos seios entumecidos, nas coxas roliças, na sugestão do contorno da púbis, a rapariga estacou, calou-se e rodou a cabeça, observando-o com um olho de cada vez, sorriu e abriu a boca, revelando uma fileira dupla de afiados dentes triangulares. O estertor foi acompanhado por um grito que feriu os tímpanos de Gebal, lançando-se ela logo de seguida, em corrida, na sua direcção, enquanto ele, agora encolhido no chão, fazia por recuperar o fôlego entretanto perdido.

Como tantas vezes na Natureza, o caçador tornara-se subitamente na presa.

II

A MARÉ ENCHENTE TROUXERA CONSIGO NOVIDADES.

No cais de pedra de Alis Ubbo era grande a azáfama. Apesar dos residentes estarem habituados a receber viajantes em grande número e de todos os tipos, desde os comerciantes que negociavam no mar do norte aos aventureiros que demandavam as terras mágicas a oeste no oceano, a imponência do elegante barco de guerra, uma trirreme ricamente decorada que flutuava perto no Taghi, exigia das autoridades locais que fosse dada uma atenção especial à galera que ela escoltava, e que acabara de atracar.

Escravos de corpo bronzeado e saia branca descarregavam as inúmeras ânforas e fardos acondicionados no convés da galera. À frente de um dos aglomerados de carregadores, distinguia-se um escravo por estar adornado com pulseiras e colar de ouro e contas de vidro. Ao lado de uma das pranchas de desembarque, recebia cerimoniosamente um dos passageiros, uma figura que comandava o mesmo respeito e imponência envergando uma túnica completamente negra como se se tratasse do mais puro púrpura fenício.

— Bem-vindo a Alis Ubbo, Baal-Wotan. Que a bênção de Melqat vos cubra... –, o escravo hesitou por um instante, claramente avaliando a

disposição do recém-chegado para o que se seguiria, — são os votos do meu amo, o Governador, que vos pede mil perdões por não vos poder receber pessoalmente... problemas familiares —, terminou o escravo, apologeticamente.

Wotan, um sólido gigante nórdico, olhava fixamente para o escravo, que se sentia encolher perante a intensidade do escrutínio. O bulício do cais pareceu diminuir, antecipando a tempestade. Acentuando o ar de gravidade, Wotan começou a cofiar a farta barba grisalha. Da testa do escravo brotavam já gotículas de suor. O ar estava tenso, e a audiência não evitou um arrepio e um arquejo quando o gigante pousou a mão direita sobre o pomo da espada que pendia do seu lado esquerdo. Incapaz de levar por diante o teatro, Wotan deixou os cantos da boca escaparem num sorriso trocista, logo seguido de uma ruidosa gargalhada. Um suspiro de alívio ecoou do escravo para os carregadores no cais.

— Problemas familiares... com o Gebal, não?

— Fascinante a vossa presciência, Baal-Wotan. Efectivamente o jovem amo encontra-se acamado, acometido por uma estranha febre que, graças às nossas sacerdotisas e à graça de Melqat, parece estar finalmente a regredir.

O nórdico soltou nova gargalhada. — Ai os jovens que não têm cuidado com quem se deitam...

— Não, não, Baal. O jovem amo foi vítima de um predador desconhecido, não de uma mulher impura! — A cara do escravo estava enrubescida, tal a aflição perante a mácula à honra de Gebal.

— Meu caro, — seguiu Wotan, sem se preocupar com o nome do interlocutor, afinal de contas, mesmo coberto com uma considerável parafernália preciosa, um mero escravo, — não há predador mais desconhecido que uma mulher. E essa verdade, de tão absoluta e inevitável que é, aplicasse até aos deuses!

— Brincais com este simples servo, Baal. Reconheço a minha ignorância em tais assuntos, ainda para mais perante a vossa vasta sabedoria, e remeto-me apenas à alegria de saber o meu jovem amo em recuperação.

Perante a clara desaprovação do escravo, Wotan reconheceu para si mesmo que fora longe demais. Seria uma sorte se este escravo, provavelmente o chefe dos escravos da casa e propriedade do Governador, claramente letrado e educado acima da média, não ficasse a magicar na sua inconfiência. Fora tudo produto do alívio de não ter encontrado sinais de luto ao chegar ao cais; o que teria acontecido se o rapaz não tivesse sobrevivido ao encontro.

— O meu sincero pedido de desculpas pela ligeireza com que tratei o estado do meu afilhado. Talvez agora o possa visitar, e ao pai. — Proferiu Wotan, enquanto simultaneamente afastava a sua atenção do escravo para a arriba do lado oposto do rio.

— Com certeza, Baal. Fazei o obséquio de me seguir... Baal?!

Erguendo-se como uma torre entre a comitiva, Wotan parecia ignorar a presença dos restantes, olhando pensativo para a outra margem, para o topo da arriba. Em breves momentos voltaria a dar atenção ao escravo, segui-lo-ia pelas avenidas de Alis Ubbo até à colina onde se erguia a fortaleza, onde o seu afilhado convalescia, mas apenas quando as brumas do tempo lhe permitissem deixar repousar os pensamentos de há vinte anos...

III

— VINTE ANOS? MAS TU ÉS LOUCA, OU ACHAS QUE POR SER UM DEUS A minha paciência é infinita?! —, enquanto gritava, o pequeno homem pulava de um lado para o outro, impulsionado pelas pequenas asas que lhe sobressaiam dos calcanhares. — Isso pode ser confortável ali para o Ganesha, mas não para mim e para a minha velocidade. Que se convoquem os panteões, que seja declarada a guerra divina. Que se varra essa escória estrangeira de volta para de onde veio.

— Bravas palavras, mensageiro dos deuses. Bravas e tolas. — Atena permanecia encostada a um dos menires do cromeleque que circundava o grupo de sete deuses. Do ombro esquerdo da sua armadura uma coruja cinzenta seguia placidamente com o olhar a trajectória errática de Mercúrio.

— Tolas?! É isto que se ouve num convénio de deuses do Conhecimento, quando o que o momento exige é a intervenção dos deuses da Guerra. Vós não passais de cobardes!

A última palavra foi respondida por um clarão negro que se levantou do círculo de pedras sob a forma de dois corvos. Uma figura coberta com peles de urso pareceu destacar-se da rocha e elevar-se perante Mercúrio, apontando-lhe um martelo de combate, que até há um instante era apenas um simples bordão de viajante.

— Um ataque frontal, Mercúrio? Era isso que pedirias aos deuses da Guerra? Pensas-nos idiotas? O Inimigo já se instalou e, se estamos aqui, é porque todos os profetas e oráculos de confiança declararam que o Centro do Mundo é uma causa perdida para nós.

— Mil perdões, ao mesmo tempo sábio e belicoso Wotan. Limitei-me a imaginar que os deuses não abririam mão de Jerusalém com tanta facilidade. — O sorriso de Mercúrio era sinal claro da sua ironia, mas foi Atena que lhe voltou a responder, de semblante cada vez mais carregado.

— Jerusalém continua a existir no coração dos mortais, mas como uma perversão da semente inicialmente lá plantada. O que deveria ser a sublimação da sua evolução, uma Cidade Universal, é agora alvo de cobiça cega, de desejo morticida. Pelas suas ruas correrão rios de sangue, do seu céu choverá carne em chamas, os seus filhos digladiar-se-ão até à extinção... ou até se tornarem algo bem diferente de seres humanos.

— Outra coisa não seria de esperar do Povo de Babel! —, Ariel abriu e sacudiu as grandes asas brancas, para enfatizar a intervenção. — O Inimigo limita-se a embalar até à superfície os verdadeiros instintos dessa raça de ingratos.

A tensão entre os deuses aumentava. — Ingratos ou não —, disse Atena, — a verdade é que a nossa própria existência está ligada a essas criaturas. É da nossa sobrevivência que tratamos aqui. Thoth?

Do centro do cromeleque, onde estivera sentado em posição de escriba, levantou-se o deus de cabeça de íbis. Apesar do seu longo bico curvo não parecer capaz de articular um discurso inteligível, quando falou as palavras ecoaram na mente dos restantes deuses, que poderiam jurar que as estavam a ouvir directamente vindas do bico.

— Mercúrio, Ariel, não existe outra maneira. O avanço do Inimigo é já considerável, e não podemos esperar que os nossos planos frutifiquem mais cedo. *Se têm alguma hipótese de frutificarem!*

Mercúrio encolheu os ombros de maneira despreocupada, mas Thoth continuou. — Acreditando que a nossa linha de defesa está irremediavelmente comprometida, creio... —, voltando-se para Atena e Ganesha, — ...cremos, que a única solução é criar um segundo Centro do Mundo, para onde as Linhas de Força da Terra possam convergir num caso extremo.

— Sim, mas como escondê-lo dos Estrangeiros, e onde? —, Ariel olhava duvidoso.

— Precisamente aqui, — englobando todo o cromeleque com um gesto expansivo, — e apenas revelando a sua natureza no último dos momentos.

— Ragnarok — sussurrou Wotan.

— Sim, n'Os Fim dos Dias; que irá ocorrer igualmente para os mortais e para os deuses. — Era a primeira vez que Ganesha fazia ouvir a sua voz de timbre estridente, elephantino. — As Linhas convergirão para

aqui quando o Inimigo as tentar manipular para trazer a este plano a força total das suas hostes, e a cidade que repousa além à beira do rio será o nosso último bastião; não mais Alis Ubbo, mas Lisboa, A Branca, protegendo-nos com o seu espírito.

Mercúrio voltejava de novo no ar, frenético. — Sim, finalmente guerra, batalhas, feitos épicos para serem relatados e espalhados entre homens e deuses. Mas porque temos de esperar vinte anos por esse espírito, porque não o convocamos ou criamos já?

— Porque, apesar de estar imbuído da natureza divina desta região, o veículo desse poder terá de ser puramente humano. A principal causa da nossa incapacidade em enfrentar o inimigo que veio das estrelas é que apesar de podermos suportar por muito tempo as suas investidas, não temos como confrontar a teia pegajosa com que aos poucos envolve a nossa mente, levando-nos à loucura. — A pausa denotou o silêncio e a atenção em que tinha mergulhado o círculo de deuses. — Por seu lado, os humanos são muito mais vulneráveis a esses ataques nefastos —, assentindo levemente com a cabeça na direção de Ariel, — mas possuem uma loucura interior, uma capacidade de se sacrificarem pelo bem dos restantes, que os torna momentaneamente capazes de escapar a esses grilhões.

— A atestar a excelência da sua Criação, apesar da tendência para o Pecado. — Ariel assumiu um ar beatífico.

— Vamos tentar não entrar nessas questões de ovo e galinha, sobre quem criou quem, o poder divino ou a fé dos homens. —, Ganesha espalhava um óleo aromático pela pele jovem do tronco e braços, aparentemente obliuio do comentário que tinha acabado de fazer, tentando desarmar o que poderia ser uma resposta violenta de Ariel.

Mas Ariel não deixaria passar uma tal afronta. — E chamam deus a essa aberração, mais à imagem de um animal do que de um homem. É uma blasfêmia! — Materializadas do nada, surgiram por todo o lado armas desembainhadas. Espadas, mocas e lanças.

— Basta! — Um relâmpago desceu do céu limpo em uníssono com a palavra gritada por Wotan a plenos pulmões. Passando pelo, de novo, cajado, agora cravado no solo, a energia espalhava-se pelo chão como as ondas concêntricas provocadas por um seixo lançado sobre a superfície de um lago. Até Ariel, que levantara voo instintivamente, sentia a energia que irradiava do solo.

— Creio que devemos levar em consideração que Wotan é o único líder de panteão aqui presente. — A mão esquerda de Itzamna brilhava incandescente ao ritmo das ondas de energia que passavam agora mais ténues pelo chão, como reverberações da onda inicial. Trajando uma sim-

ples tanga e um elaborado toucado de penas garridas, o deus maia parecia capaz de acalmar os ânimos tempestuosos dos restantes.

Compondo as peles de urso, que ainda fumegavam, a extremidade de muitos pêlos chamuscada, Wotan abandonou o cromeleque e avançou até à beira da arriba que ficava perto. Olhando para a recém-criada colónia fenícia, e já acompanhado pelos restantes deuses, proferiu a sua sentença com uma voz que não permitia mais discussões. — Eis o que vamos fazer...

IV

WOTAN SENTIA O SANGUE EM EBULIÇÃO PERANTE A INTENSIDADE DA refrega.

No aterro, um círculo de tochas acesas delimitava o espaço disponível para os dois lutadores. Estes, nus e agachados, cobertos pelo pó que levantavam e que se lhes colava quando em contacto com o suor, tentavam por todos os meios imobilizar ou lançar o oponente para além da fronteira de chamas.

Apesar de se tratar de um treino, todas as regras da luta estavam já sem efeito, à semelhança do que aconteceria durante a cerimónia oficial. A demonstrar isso, Genos, o lutador presentemente à esquerda, mais corpulento, lançou com a mão direita um golpe cruzado na direcção do órgão genital de Gebal. Este, por mérito de um recuo instintivo, conseguiu sair da situação apenas com uns arranhões a mais e alguns pêlos púbicos a menos, apesar de perdidos de forma particularmente dolorosa. Apesar disso, a manobra de evasão tinha-o colocado em desequilíbrio, com as costas perigosamente perto de algumas das tochas.

Genos avançou para pressionar a vantagem que tinha obtido. Recuando mais um passo, Gebal começou a sentir o calor adicional das tochas nas costas. Wotan, um juiz e espectador imparcial, apesar da ligação especial de afectividade ao filho do Governador, antecipou o desfecho do combate com curtos gritos de incitamento. Mas Gebal, numa manobra nada ortodoxa, virou o corpo num quarto de volta, fincou o pé esquerdo numa pequena depressão no chão de terra batida, flectiu a perna e impulsionou-se para a frente. No último momento antes do impacto, ergueu em rotação o braço direito e atingiu o adversário em cheio na base do pescoço. Violentamente impedido de respirar, Genos caiu inanimado no solo.

Wotan batia palmas entusiasticamente, enquanto os escravos que o acompanhavam se apressavam a apagar as tochas e a prestar auxílio a

Genos, que voltava lenta e ruidosamente à consciência.

— Bom, bom, muito bom. A proporção certa de implacabilidade e irresponsabilidade, mas infelizmente um truque que seria melhor empregue no combate durante a consagração a Baal-Hammon. Genos não se deixará surpreender uma segunda vez. — A expressão de Wotan ao passar o odre de água ao afilhado era de constatação, de mestre para aluno, não de admoestação.

— Genos não me tinha respeito, não me receava. Agora isso mudou. —, na cara de Gebal dançava um sorriso maroto, reflectido de igual modo nos lábios e nos olhos, — Além disso, ele irá recear mais os truques que julga desconhecer, e não este que viu hoje.

— Será sem dúvida uma demonstração digna da aprovação de Baal-Hammon. E servirá para calar muitos dos sacerdotes que se opõem às vontades do teu pai.

Gebal aceitou a mão estendida de Wotan e ergueu-se, as emoções da luta substituídas por um ar controlado e sóbrio. — O padrinho sabe que o amor do meu pai por mim se tem sobreposto às obrigações do cargo que ocupa. É natural que algumas pessoas lhe guardem rancor por isso.

— Não seas tão apressado a julgar as acções do teu pai. A morte da tua mãe não lhe foi fácil, não o é mesmo ao fim de todos estes anos. Mas duvido que, mesmo com essas limitações, haja alguém mais qualificado do que ele para liderar esta colónia, e os despachos elogiosos que lhe são enviados de Tiro são prova disso.

Os escravos haviam colocado Genos sobre uma padiola improvisada e dirigiam-se para a ladeira que rodeava a oeste o aterro, em direcção aos cuidados das sacerdotisas do templo de Melqat. Por sua vez, Gebal e Wotan dirigiam-se para leste, para os aposentos do jovem na fortaleza de Alis Ubbo. Mas as exclamações de surpresa e pânico dos escravos fizeram-nos voltar para trás.

Em passo de corrida, viram ainda a maioria dos escravos a correr ladeira abaixo, aos gritos, enquanto os poucos que restavam perto da padiola, agora por terra, tapavam os olhos e gemiam, ou gesticulavam para afastar maldições. Fora da padiola, o corpo de Genos agitava-se constantemente com espasmos e tremuras.

O vapor espesso que exalava continuamente da boca aberta de Genos fez com que Wotan impedisse Gebal de se aproximar. Rapidamente sentiram um odor nauseabundo, a lembrar vagamente podridão marinha, a empestar o ar em volta.

Gebal começou a recuar, e Wotan teve a impressão de que os factos que lhe haviam causado o trauma há vários dias, e sobre os quais ele

insistia não ter qualquer lembrança, estavam prestes a voltar à superfície perante esta nova intromissão do sobrenatural na sua vida.

O corpo de Genos estava agora em posição quadrúpede, o vapor que saía da boca menos abundante. De repente, lançou a cabeça para trás e, com os últimos farrapos de vapor, soltou uma série de grunhidos.

— Ni-am... Ni-arne... Ni-arle...

A expressão de Wotan tornou-se pálida, e Gebal sentiu que o padrinho o segurava com mais força, e com uma aparência de urgência. As veias tornavam-se mais visíveis no pescoço e rosto de Genos, para além de uma coloração azulada que se parecia espalhar pela pele. — Nyarlathotep —, sussurrou Wotan.

— Quem?

A resposta veio do corpo de Genos, que subitamente, livre dos espasmos à menção do enigmático nome por Wotan, se endireitara e que presentemente parecia mais preocupado e ocupado a sacudir a terra e ervas que o cobriam. Quando pareceu satisfeito consigo próprio, dirigiu-se aos atónitos espectadores.

— Muito prazer, deus nórdico e humano fenício. Apresento-me: Nyarlathotep, o Caos Rastejante, Arauto dos Deuses Exteriores, servo do mui reverenciado Azathoth, o Barão Demoníaco...

Apesar da fisionomia de Genos se manter intacta, a alteração nada subtil na sua atitude e maneirismos dera origem a alguém muito diferente. De movimentos fluidos, sardónico e mordaz, Genos demonstrava agora a elegância que um deus pode dar à forma humana quando a manipula como a um fantoche. Enquanto Gebal olhava, procurando a melhor forma de reagir, Wotan avançou de martelo de combate em riste. Erguendo-o bem sobre o ombro esquerdo, segurando o cabo adornado com as duas mãos, desceu-o sobre Nyarlathotep num arco com o ímpeto ganho pela curta corrida.

A aparente vítima permitiu que o deus nórdico se aproximasse e, com uma serena naturalidade, fintou o martelo com um movimento do dorso e segurou o braço direito do atacante com a mão esquerda. O contacto produziu uma audível efervescência, fumo negro e um odor a carne queimada. Incapaz de compensar o balanço adicional que o gesto lhe imprimira ao desequilíbrio provocado pela rotação do martelo, Wotan ultrapassou o alvo e caiu no chão, contorcendo-se com dores. Nyarlathotep, de semblante impassível, continuava o rol da sua apresentação.

— Humilde Invocador de Tempestades, Anfitrião de Catástrofes, Corruptor de Mentes humanas e divinas, Dançarino da Corte Nuclear dos Deuses Exteriores, Mensageiro dos Grandes Ant...

Perante um aliado tombado em combate, Gebal foi tomado pelos ensinamentos inculcados pela repetição do treino militar e carregou em frente, já munido de uma espada que antes jazia descartada no meio do caminho. Aprendendo com o exemplo anterior, avançou, cautelosamente, com a ponta da espada para a frente, apontada ao peito do adversário. Nyarlathotep estendeu o braço esquerdo e abriu a mão, palma virada para a frente, no que Gebal teria interpretado como um gesto fútil de defesa, se Wotan não se contorcesse ainda, aos rebolões, pelo chão.

Quando estava ao alcance, tentou uma estocada. Focou o olhar na mão estendida de Nyarlathotep, e golpeou. Quando a ponta de metal se aproximou da carne, Gebal sentiu-se incapaz de manter a vista focada, como se os olhos estivessem baços. Quando recuperou a plena visão, onde antes o braço de Nyarlathotep terminava numa das mãos grosseiramente esculpidas de Genos, estava agora uma massa disforme e pulsante de carne viva, numa horrenda paródia a um escudo.

Gebal pensou sentir, através da extensão da espada, das mãos que a seguravam e dos braços, a resistência imposta à ponta da espada ao começar a penetrar na defesa viva. Mas logo de seguida sentiu uma súbita pressão negativa, como se a pequena ferida que acabara de provocar tivesse chupado o ar no seu exterior, e a lâmina da espada estilhaçou-se em dezenas de pedaços, deixando Gebal, ligeiramente inclinado para a frente, a segurar o pomo da espada no ar.

— E quanto vales tu, humano, para seres protegido por um deus? Acaso terá a tua mãe aberto as pernas para este gigante barbudo?

Wotan fez por se levantar, mas mal parecia poder respirar. A quemadureza que lhe surgira entretanto no braço, negra e supurenta, era também já visível a atingir a base do pescoço. Gebal não compreendia como poderia o seu padrinho ser um deus, ou seu progenitor, mas via que Nyarlathotep o estava a enfrentar com mais cuidados, esperando alguma manifestação da sua possível ascendência divina.

No momento de impasse, o fenício tomou a iniciativa. Atirou o pomo da espada à cabeça de Nyarlathotep, e mergulhou em direcção ao martelo de combate de Wotan, que tinha ficado caído no chão, junto ao seu corpo. Na passagem do olhar, pareceu-lhe que Wotan tentava gritar algo, um aviso. Ao atingir o solo, enrolou-se numa cambalhota, até chegar ao martelo. Envolveu o cabo com a mão e segurou-o firmemente, mas o martelo, não se tendo permitido mover um milímetro que fosse, quebrou completamente o impulso da manobra. Para sua surpresa, estacou, estendido no chão, ainda agarrado ao martelo de combate.

Nyarlathotep recuperou mais rapidamente da surpresa, com uma

sonora gargalhada. — Não, um mísero e simples humano. —, voltando-se para o nórdico, — Rapazinhos agora, Wotan? Enjoaste de Valquírias na tua cama?

O braço de Genos que tinha sido transformado em escudo pulsou mais intensamente, ondas e correntes de carne a agitarem-se freneticamente à sua superfície. Aparentemente criando matéria do nada, Nyarlathotep estendeu um tentáculo em constante crescimento na direcção de Gebal.

— Morre —, disse casualmente, enquanto virava a atenção para os dois corvos negros que, passando sobre Wotan, pareciam prestes a atacá-lo.

Um momento, congelado no tempo: Wotan caído, Gebal a afogar-se num mar de carne viva, Munin e Hugin a voltearem depois de uma primeira passagem sobre Nyarlathotep, o braço direito de Genos a exhibir sinais da formação de um segundo tentáculo para afastar aves indesejadas. No momento seguinte, Gebal a sentir sofregamente o ar fresco a voltar-lhe aos pulmões, e uma figura mal distinta empoleirada sobre Genos, golpeando Nyarlathotep.

Com as pernas a abraçar o peito de Genos e as mãos, com os dedos como garras, a abrir lenhos na cara, substituindo o ar de confiança por uma máscara decorada a sangue, a figura pálida da sereia batia-se furiosamente contra os tentáculos que se agitavam espasmodicamente para a atingir. Mas depressa Nyarlathotep se encolheu e, com um urro, esticou-se e projectou a sereia para longe.

Gebal, já de gatas e em posição de saltar, viu passar o corpo da sereia pelo ar. Quando esta aterrou, de costas, no chão, foi impossível não reparar no seu ventre inchado. As lembranças que Gebal reprimira, não por trauma mas por segurança, vieram de novo à tona. Enquanto isso, Nyarlathotep gritava, caminhando em direcção à sereia.

— Como te atreves, puta? A mim, que terei a honra de destruir este Universo como executor da vingança do Deus Idiota Azathoth! —, os tentáculos agitavam-se violentamente de cada lado, e o restante da fisionomia de Genos continuava a desaparecer, sob uma pele negra e disforme.

Cruzando o olhar com o da sereia, qualquer conversa tornada desnecessária, Gebal pegou num ramo e, brandindo-o como clava, atacou de novo Nyarlathotep. E também a forma de Gebal se transmutou. Enquanto corria, cadenciado com os seus passos, o tronco expandiu-se e cobriu-se de curtos e eriçados pêlos negros, e a sua cabeça surgia agora como a de um selvagem javali. Lançando um grito de combate, abalroou a massa negra.

Mas a paciência de Nyarlathotep tinha já terminado. Estas criaturas eram demasiado incomodativas, além de surpreendentemente perigosas, e havia que eliminá-las com celeridade. Afastou o corpo de Gebal, que o agredia insistentemente com a clava, demonstrando o temperamento obstinado do avatar da Natureza que lhe dera nova forma, e, prendendo um pedregulho com uma das ventosas do tentáculo direito, esmagou-lhe o crânio.

Recuperando um pouco do seu ar superior, Nyarlathotep deixou cair o corpo sem vida de Gebal pelo solo. Voltando-se para a sereia, que agora o enfrentava com a expressão decidida de quem protege duas vidas, lançou sobre ela um tentáculo que tomara gradualmente um aspecto mais afilado. Como uma lança, trespassou-a.

Os tecidos da sereia, os músculos, os órgãos, a pele, não tiveram necessidade de se acomodarem à intrusão do corpo estranho. Existiam ambos simultaneamente, no mesmo local, mas em dimensões ligeiramente diferentes. Como por tirania, a Ordem que reinava no útero da criatura marinha sobrepôs-se ao Caos que formava o Deus Exterior, tornando esse Caos consciente da Ordem que sempre estivera subjacente às suas múltiplas formas, forçando-o a consumir-se por dentro, pela incapacidade de aceitar as regras que formam um estado que se julga sem regras.

A sereia parecia brilhar, rastejando em direcção ao corpo de Gebal, que recuperara as suas feições humanas. A poucos metros, Wotan sentia as costelas partidas da sua presente encarnação, e ria.

V

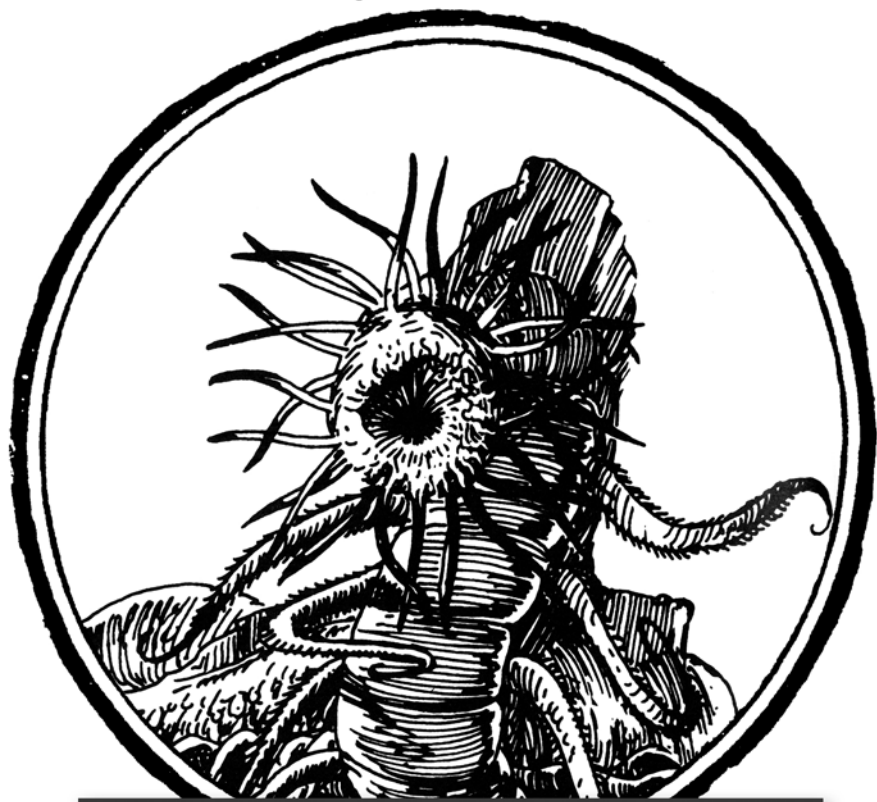
O CORPO DE GEBAL FORA CONSAGRADO POR SEU PAI A MELQAT E, POR vontade do seu dedicado padrinho, tinha sido colocado num barco a vogar no Taghi. Do cais, tinha sido o próprio Wotan a enviar a seta incendiária que, certamente, se anichara na pira navegante. Ao começar a arder, no momento em que dois corvos negros o escolheram como poiso, o barco foi aparentemente apanhado por uma correnteza mais forte, que o acelerou em direcção à foz do rio.

Pescadores relataram mais tarde que os corvos não abandonaram o seu posto, mesmo quando as chamas finalmente os atingiram. E que numa praia a oeste de Alis Ubbo, uma estranha mulher, pálida e ensanguentada, pareceu velar todo o trajecto do barco funerário.

Na lua cheia seguinte, foi abandonado um recém-nascido à porta da residência do Governador. Perante o desconcerto dos escravos, o

Governador decretou prontamente que aquela criança seria tratada como se fosse verdadeiro sangue do seu sangue. Na cozinha da fortaleza, uma escrava núbia esventrava um pombo e, matreiramente, sorriu de volta aos deuses.

SAFAA DIB



VALE DE
SOMBRAS



SAFAA DIB nasceu em 1983 no Dubai. Filha de um casal de imigrantes libaneses, cresceu em Lisboa onde frequentou os estudos no Liceu Camões e na Faculdade de Letras de Lisboa. A par do mestrado em estudos Anglísticos, tem-se dedicado a uma intensa actividade no meio fantástico português como divulgadora, crítica, tradutora, co-organizadora do Fórum Fantástico, vice-presidente da Épica e agora autora.

Dedicado a W. D.

Se a todos se convertessem todos os membros em línguas, ainda assim não caberia nas forças humanas o narrar as ruínas de Hispânia e os seus tão diversos e multiplicados males.

— Isidoro de Beja: *Chronicon*

— AINDA ESTÁ VIVO?

— Por pouco tempo. Ainda respira, mas deixou de responder aos chamamentos.

Os dois homens conferenciavam num dialecto cerrado do latim vulgar, em torno de uma figura prostrada no canto de uma cela escura.

O homem que colocara a pergunta olhou para o monte de ruínas no chão, envolto numa nuvem de poeira, sujidade e o cheiro fétido de urina e excrementos, que assaltavam os seus sentidos com uma força tremenda. A débil luz das velas que transportavam não era suficiente para dissipar a escuridão da prisão subterrânea e talvez ambos os homens preferissem não ver as últimas réstias de um corpo a apodrecer no meio do ruído triunfante das presas de ratazanas.

— Este está feito. Removam o corpo da cela e lancem-no numa das valas do bosque. Isso deverá ser o suficiente para lhe arrancar o que lhe resta de vida. Já tens a cela que precisas para os novos prisioneiros.

Não se atrevia a aproximar o suficiente do corpo em decomposição, nem tão só tocar na figura inanimada, o rosto coberto pelos últimos andrajos de uma capa de viagem.

— Agora vamos embora antes que o cheiro me faça vomitar as entranhas.

O carcereiro anuiu de todo o coração, não querendo confessar ao Intendente que o seu desejo de sair daquele antro se devia mais a um medo supersticioso do homem moribundo e da sua terra com histórias de maldições libertadas na hora da morte. Era o carcereiro, não aquele que o sentenciara, e não queria ser o alvo da vingança de um condenado.

Ambos saíram para o exterior, subindo os velhos degraus de pedra da prisão, assombrada por centenas de gritos de almas emparedadas naquele espaço onde foram esquecidas.

Mas uma alma recusava-se a ser esquecida, e na escuridão em que fora de novo abandonada, lutava com todas as suas forças para sobreviver contra demónios que jogavam com a sua sanidade e a iludiam com falsas esperanças. Resistia contra a horda de bestas que atormentavam os seus dias e noites porque na ferocidade da sua determinação prevalecia apenas uma imagem, as estrelas do oriente no céu nocturno rodeando uma lua crescente, e no fulgor dessa visão, o homem moribundo soube que estava para breve a vinda dos seus irmãos.

NUMA MANHÃ IGUAL A TODAS AS OUTRAS, O HOMEM CAMINHAVA EM PASSOS lentos mas decididos, disposto a deixar todos os fantasmas do seu espírito sossegar à luz branca que nesse momento refulgia na pequena vila de Olissipo.

Caminhava pelo vale, junto ao ribeiro que descia da Pedreira até ao rio. Ao longe, na enseada amena, sabia que mercadores vindos do Norte de África e Gales estariam prestes a desembarcar com notícias das cidades de Hispânia, ainda a recuperarem da guerra civil que terminara há já mais de um ano.

Hispânia, e especialmente Toletum, com os seus infernais jogos políticos de traições e crimes, estava longe da vila abrigada pelo rio Tagus, mas mesmo assim os relatos sangrentos dos grandes reis bárbaros obtinham dos habitantes olisiponenses reacções de alarme e histeria.

Havia outras coisas mais preocupantes, como bem sabia o homem. Toda a semana a sua mente concentrara-se nas notícias que recebera do clérigo local. Espantou-o a forma como tinha sido recebido à chegada, a apatia dos semblantes, as formas curvadas a fazerem constantemente o sinal da cruz, o desespero a manifestar-se nas suas vozes. Mas desespero tornara-se um lugar comum na faixa litoral que defrontava o grande mar, onde pragas de gafanhoto destruíam as colheitas e os primeiros surtos de peste lançavam o medo e ruína.

Em pouco tempo, chegou ao abrigo portuário e fitou a imensidão do rio povoado de pequenos barcos de pescadores, de embarcações cujas proas e bandeiras assinalavam a chegada de tripulações de distantes paragens, todos tomados por uma grande azáfama. Ouvia os gritos em línguas estrangeiras trocados entre os marinheiros e as ordens emitidas pelos contramestres para o desembarque da carga, avidamente aguardada pelos mercadores locais. Crianças corriam por entre as bancas de vendedores estacionados no porto, lançando desafios aos monstros marinhos que, de quando em quando, eram avistados da enseada. E o homem alegrou-se no seu coração por todo esse

labor e entusiasmo que faziam Olissipo parecer, por momentos, normal, não querendo neste momento pensar o quanto essa normalidade era enganadora.

Após algum tempo num constante vaivém ao longo do porto, à procura do navio oriundo de Valentia, já receava se ter enganado no dia ou que algum imprevisto atrasara a vinda de Júlio de Bobbio. Até que avistou ao longe o navio tão esperado. Esperou para que atracasse e ainda passou um considerável tempo até que a prancha de desembarque fosse retirada. Cedo surgiu a figura do homem pelo qual esperara ansiosamente.

Chamou-o de longe:

— Júlio!

Uma voz respondeu-lhe, de longe, chamando-o pelo nome:

— Leandro!

Descendo a prancha de desembarque, vinha o rosto cansado de um monge que deixara muitas milhas de viagem para trás. Envergava o hábito que fora tão familiar a Leandro durante a maior parte da sua juventude. Ver agora um dos seus antigos irmãos de novo despertava-lhe o velho remorso e a culpa. Reprimindo todas as memórias e sentimentos, foi com aparente alegria que saudou Júlio. Abraçou-o e ambos os homens se olharam por um instante, medindo os efeitos da passagem de tempo que deixara as suas marcas em cada um deles. Júlio tinha os cabelos mais grisalhos, as rugas mais visíveis, mas ainda o mesmo brilho no olhar, ao passo que Leandro parecia não ter envelhecido. Conservava a sua força e disciplina de corpo intactos, mas o olhar baço era o de uma alma velha e decepcionada.

— Bons olhos te vejam, Leandro de Emérita.

Ambos conversavam em latim eclesiástico, antigo costume de Júlio, criado na Abadia de Bobbio, a Norte de Roma. Fora há já vinte anos que abandonara a sua terra natal e escolhera a Hispânia como segunda pátria, por amor à figura e obra do grande Isidoro de Hispalis. Possuía outros dons especiais que colocara a favor dos mais desfavorecidos; os seus talentos de curandeiro ganharam fama e cedo espalharam-se pela Hispânia. Houve alturas em que a Igreja temeu a sua influência, pois espalharam-se rumores de que o monge tinha visões contrárias às leis da natureza. Todo o caso de Júlio Bobbio causara desconforto entre os eclesiásticos, mas Leandro sempre o tivera em grande conta. Era um homem humilde e nunca fora cego à realidade do mundo.

— Já não julguei que fosse possível chegar neste dia. Quis Deus que Valentia me protegesse dos despojos de guerra. Ainda é perigoso viajar nestas terras.

— Que notícias do rei?

Como resposta à sua pergunta, Leandro ouviu as palavras dos mari-

nheiros de Valentia, envoltos por uma torrente de rostos que lhes pediam novas.

Do seu local, Júlio e Leandro ouviram o capitão do navio dizer:

— Os filhos de Vitiza vagueiam pela terra, sedentos de vingança, e apela-
lam aos bispos e nobres para que se juntem à sua causa e castiguem Roderico.
Mas os nobres já fizeram conhecer a sua escolha! Roderico é rei! Dizem que a
Hispânia não mais se vergará aos pecados de Vitiza e a sua descendência.

Uma cacofonia de vozes e gritos afogou as últimas palavras do capitão
e Júlio e Leandro já não puderam escutar o resto.

— Que dizes sobre tudo isto? Roderico irá conseguir fazer frente aos
filhos de Vitiza?

— Roderico é efectivamente rei. Já não restam dúvidas nesse ponto,
e Toletum é o centro do seu governo. Mas é a traição que receio. Roderico
não ascendeu ao trono visigótico com o apoio de todos os nobres. Palavras
de dissensão são murmuradas nas suas costas enquanto pensa que detém o
poder sobre todos os seus súbditos. — Júlio suspirou, o rosto pálido e exausto
— Receio, meu amigo, estarmos a assistir aos últimos dias dos reis bárbaros
de Hispânia.

— Não eras tão pessimista na correspondência que trocámos nestes
últimos anos. — retorquiu Leandro, incomodado com o tom de finalidade
das palavras do monge.

O monge ficou em silêncio durante algum tempo.

— Não sei se ainda existe alguma esperança para estas terras, no meio
da guerra e violência. Eu responderia que sim, e que a obra da Igreja nos úl-
timos cem anos teria sido o suficiente para iluminar o caminho dos Godos e
nativos. Os exemplos de Isidoro de Hispalis e Martinho de Bracara certamen-
te não caíram em orelhas moucas e construíram a estrada que nos levaria para
longe dos anos da escuridão que vivemos antes da vinda do filho de Deus. Eu
teria assim pensado... Mas agora, depois de todos os testemunhos e de todas
as evidências, percebo que pouco mudou e que muitos ainda renegam a luz de
Cristo e aderem ao culto de pedras, fontes e árvores! Submetem a sua vontade
a ídolos das trevas!

— É essa a causa do teu desalento? O paganismo prospera há anos in-
contáveis em Hispânia. Tu viste-o com os próprios olhos, estiveste comigo no
reino dos Suevos. Estiveste comigo em Gallaecia naquele ano.

Todas as noites, os seus sonhos relembavam-no desse ano, dos gritos
e do cheiro. Nunca mais iria conhecer paz de espírito até ao fim dos seus dias,
pelo que permitira que acontecesse. Desde esse dia em diante, abandonara o
hábito.

— Sei em que pensas. Também eu vivo na sombra dessa memória.

Caminharam lado a lado, em silêncio, cada um entregue a uma amargura e decepção que crescera com os anos.

Os passos dos dois homens eram guiados em direcção ao coração da vila, onde em anos recentes se formara um aglomerado de casas e ruelas em redor da Igreja na base da colina. Em séculos anteriores, prosperidade fora a imagem de marca entre uma comunidade que se aliara ao grande poderio de Roma e conquistara, por direito próprio, a cidadania romana. A *pax* romana fora bem vinda e o prestígio de Olissipo deu-lhe o reconhecimento em todas as cidades do continente. Mas a queda de Roma e os anos de caos que se lhes seguiram devido às lutas entre as hordas bárbaras fizeram também sentir os seus efeitos na periferia do antigo Império do Ocidente, e lentamente as termas, os aquedutos romanos, os anfiteatros, sucumbiram a uma névoa de dissipação e o seu brilho embaciou-se com a passagem do tempo.

Os pequenos casebres que avistaram à sua passagem escondiam rostos de desalento e pobreza, rostos que já se tinham esquecido de uma glória passada e agora viviam num estado constante de abnegação, guiados pelos ensinamentos e exemplos da Igreja.

Júlio e Leandro avistaram o monumento erigido pelas autoridades locais há poucos anos e pareceu a Júlio de Bobbio que aquela fachada cinzenta e todos aqueles desenhos talhados na pedra e o ar majestoso faziam jus ao clero, mas depois o seu olhar deteve-se na cruz no topo. De alguma forma, aquela cruz não lhe inspirou o sentimento certo, mas cansado como estava da viagem e ciente de que era a sua primeira visita a Olissipo, esqueceu-se logo dessa primeira impressão.

Ambos entraram pelo portão de madeira e a claridade do dia foi substituída pelas sombras. A um canto, a luz das velas aliviava a opressão do ar escuro que se fazia sentir no recinto resguardado. Benzeram-se perante o altar e Júlio sentou-se num banco, dando início a uma prece silenciosa. Leandro esperou, aparte. Não tardou muito para que os primeiros crentes dessem entrada na Igreja para o Ofício Divino da Nona. Não conseguia ver os rostos na semi-escuridão, mas conseguia ver o ar curvado e a devoção mecânica nos gestos de quem não tem outra alternativa senão sujeitar-se às regras. Interrogou-se sobre quantos deles presentes na congregação seriam verdadeiramente fiéis aos ensinamentos de Cristo, ou repetiriam as palavras da oração com sinceridade, enquanto nos seus corações albergavam estranhos encantamentos e memórias de uma noite primitiva. Oculto nas sombras, assistiu à entrada triunfal do padre e do sacristão, cada um envergando o respectivo traje de cerimónia. As palavras dos Salmos cedo ecoaram como as badaladas de um sino, fortes e cadenciadas.

Deus, os gentios vieram à tua herança; contaminaram o teu santo tem-

plo; reduziram Jerusalém a montões de pedras.

Deram os corpos mortos dos teus servos por comida às aves dos céus, e a carne dos teus santos às feras da terra.

Derramaram o sangue deles como a água ao redor de Jerusalém, e não houve quem os enterrasse.

E escondido pela coluna do templo, Leandro admirava-se com as razões que levariam o padre a proferir a Oração por socorro. Estava há tempo suficiente em Olissipo para perceber que profundas correntes sinistras se moviam por trás de fachadas e suspeitava que muitos dos membros locais das autoridades assumiam uma dupla face perante o poder de Toletum. Como a peste, cujos sintomas destruíam o corpo da noite para o dia, pressentia que um mal se infiltrara e pervertera a cidade, e perturbado pelas palavras dos Salmos que pareciam ecoar as suas próprias inquietações, passou o resto da missa a interrogar-se sobre que males seriam esses de que Olissipo deveria ser socorrida.

— CHAMEI-VOS A AMBOS PELA VOSSA EXPERIÊNCIA EM LIDAR COM ESTES assuntos.

Acabara de dizer o padre Ambrósio, terminada a ceia numa das casas contíguas à Igreja. Leandro e Júlio tinham sido convidados a partilhar uma refeição durante a noite, mas na verdade, servia antes para serem postos ao corrente da situação.

— Se me permite a interrupção, falamos de que assuntos? — perguntou o monge.

O padre ficou por longos momentos silencioso.

— Eu receio que as nossas orações e fé já não sejam suficientes para combater uma série de circunstâncias que temos vindo a defrontar há muitos meses. Temos sido... atacados.

— Por quem? — questionou Leandro.

— Não tenho palavras para exprimi-lo. É um poder desconhecido que invade todos os cantos desta cidade e lentamente rouba-lhe todo o ar. Receio que vá para lá das muitas ladainhas de bruxas e mau-olhado.

— Que circunstâncias são essas de que fala? Conte-nos tudo e procuraremos dar-lhe todo o conforto que a nossa experiência puder dar — disse-lhe Júlio, numa voz segura e reconfortante.

O padre hesitou, e parecia lutar consigo próprio para contar histórias que neste momento já não sabia serem fruto da sua imaginação. Ergueu-se da mesa de refeição, e procurou algum conforto na visão do crucifixo que ostentava por cima da lareira. Apenas o crepitar das chamas e o labor da serva na outra divisão se faziam escutar nesse momento.

Depois começou por contar a sua história. De como começara a ser afligido por estranhos sonhos e veio a descobrir que muitos dos fiéis os partilhavam consigo. Sinais bizarros começaram a manifestar-se frequentemente e não era possível ignorá-los mais. Contou como uma noite, um mês após a celebração da Páscoa, algumas pessoas desapareceram inexplicavelmente. A mulher de um dos desaparecidos disse apenas que alguém batera à porta durante a noite e que o marido acordou, levantou-se, vestiu a roupa, saiu e quando a mulher lhe perguntou, no meio das suas súplicas, para onde ia ele, respondeu-lhe apenas “Fui chamado”. Nunca mais regressou. E ela nunca soubera quem tinha batido à porta.

— Tem a certeza de que não se trata das invenções de mulheres incrédulas e supersticiosas? Podem existir muitas explicações para o desaparecimento do homem. — rebateu Júlio.

Leandro interveio em defesa do padre.

— Não estás nesta cidade há tanto tempo quanto eu. Tenho estudado os sinais, desde que o padre me relatou as suas inquietações. Alguma coisa se está a passar neste local, e não são meras invenções de velhas caducas. Há mais para contar, escuta até ao fim, Júlio, e perceberás porque foste convocado.

— Uma noite — continuou o padre — eu e o sacristão, juntamente com outros membros do clero, dirigimo-nos à Igreja, como era nosso costume, preparados para passar a noite em vigília, em orações. Mas no momento em que quisemos atravessar as portas, fomos impedidos de entrar. E para nosso grande horror, escutámos vozes e gritos. Como se... como se alguém estivesse encerradas no interior, tentando libertar-se. E conseguíamos ver pelas frechas da porta uma luz intensa a brilhar na Igreja, e sentíamos o calor, mas as portas continuavam fechadas, ocultando de nós Deus sabe que horrores. Continuámos a rezar, aguardando pela luz do dia e quando veio, a normalidade regressou. As portas abriram-se de par em par e no seu interior, tudo estava intacto. Consegue também arranjar uma explicação para isto, Júlio de Bobbio?

O monge tinha o rosto perturbado e procurava reflectir em tudo o que lhe fora contado.

Leandro quebrou o silêncio.

— Mas há pouco tempo, recebeu a confirmação dos seus medos, não é verdade? Um acontecimento invulgar.

— Que se passou? Viu alguma coisa?

— Não, meu caro Júlio, não vi nenhuma besta, nem o diabo. Apenas vi a face de uma mulher mergulhada num desespero tão grande que nunca julguei possível. O sofrimento de Maria não teria sido menos intenso perante a morte do Filho na cruz.

— Que mulher? — Interrogou o monge, perplexo.

— Eu trabalhava na sacristia, e não dei pela passagem do tempo. Quando me dirigi para as minhas orações, reparei numa mulher sentada num dos bancos das traseiras, envolta numa capa. Fiquei surpreso, pois não tinha ouvido ninguém entrar e eu não reconhecia aquela mulher de lado nenhum.

— E que aconteceu depois? — Júlio escutava o padre atentamente.

— Revelei a minha presença e aproximei-me da figura sentada. Perguntei-lhe se a poderia ajudar em alguma coisa, na esperança de que me revelasse o seu nome e origem. Ela não me respondeu, nem tão só levantou a face na minha direcção. Insisti mais uma vez, e de novo, fiquei sem resposta. Preparei-me para lhe virar as costas, pensando que talvez não falasse a nossa língua. Mas depois chamou-me. Numa voz rouca, disse que se desejava confessar. Acedi-lhe prontamente a este pedido, contente, e tentei encaminhá-la para o confessionário. E foi aí que deveria ter notado os primeiros sinais de que algo não estava bem.

— Porquê?

— Penso que ela não sabia que se deveria ir a um confessionário. Ela perguntou se não poderia confessar-se naquele sítio, no banco onde estava sentada. Como não havia ninguém àquela hora, eu acedi ao pedido e sentei-me a seu lado, mas a dúvida crescia em mim e não sabia o que esperar dela. Depois ... depois fiz uma coisa de que me arrependi amargamente. Oro a Deus para que me perdoe pela fraqueza.

O padre voltou a sentar-se no banco, de rosto abatido e marcado pelos terrores que lhe afligiam as noites, e agora os dias. Leandro nada disse, mas via-se claramente o repúdio e desprezo delineados na sua face. Júlio viu a acusação nos olhos de Leandro e percebeu que fora chamado para defrontar de novo o ódio e a intolerância de sempre. Respirou fundo, e colocou a pergunta:

— O que aconteceu?

— Ela não sabia as palavras da confissão, não sabia o que dizer. Disse-me que apenas queria falar com alguém, e que soubera que os cristãos tinham o hábito da confissão. Então soube que ela nem sequer era baptizada. E o meu coração, apossado pela ira e amargura, por um sentimento inexplicável de terror, exaltou-se e gritou palavras de escárnio e repulsa. Expulsei-a da Igreja. Peguei-lhe no braço, levantei-a, arrastei-a no meio dos seus protestos, e lancei-a para a rua, onde caiu no meio do pó. E gritei-lhe que não queria jamais que o solo sagrado da Igreja fosse manchado pelo pecado. Ela continuou no chão o tempo todo, e não se procurou levantar. Mas quando a maioria das pessoas se juntara para saber as causas da comoção, ergueu-se e então vi pela primeira vez a sua face. Não estava em mim, admito agora que o medo falou por mim. Se tivessem visto a sua face... como esquecê-la? Demasiado nova, e

no entanto, cortou-me logo as palavras o sofrimento nele, a desolação. Podia ler naqueles olhos o mesmo medo que me afligia, mas nela esse medo tornara-se em algo mais forte. Um rosto sem esperança. Depois fugiu para longe, perseguida por alguns homens. Começaram os gritos e acusações de bruxa. Mas ninguém a deteve, nem nunca mais voltou a ser vista.

— Devias tê-la ajudado! Devias tê-la ouvido! Mas tu e os teus pudores de homem do clero que não se rebaixa, tinhas que expulsá-la, marcá-la com o estigma do diabo e pecado. Odeio-vos a todos, bendita a hora que abandonei toda a vossa fraternidade! — explodiu Leandro, incapaz de conter a raiva.

— Chega! Não tolerarei essas acusações, nem de ti, Leandro de Emérita! Não tens vivido o que eu vivi nesta época, não receias a chegada da noite como eu receio. Não me julgues com toda essa altivez. Ela é um deles! Tenho a certeza de que era um deles. Um dos servos pagãos que realizam rituais a meio da noite e lançam ao ar encantamentos de perfídia e sedução. Deus sabe o que ela não teria feito já. E admito que me arrependo pela minha conduta!

— Acalmem-se, meus irmãos. Por favor, não é tempo para acusações. O mal já foi feito e perdemos uma oportunidade de saber o que se passa. Poderíamos ter beneficiado muito com a sua confissão, mas agora é tarde demais. Acalma-te, Leandro.

Mas Leandro, tomado por uma grande raiva e a dor profunda de outras memórias, não podia ser acalmado.

— É bom que rezes padre, é bom que rezes pela salvação da tua alma, porque eu não vejo nenhuma salvação para esta cidade.

E ditas estas palavras, Leandro pegou na sua capa e abandonou a casa, para consternação de Júlio de Bobbio.

LEANDRO IRROMPEU PARA O EXTERIOR, NUMA TEMPESTADE DE EMOÇÕES E pensamentos, e fugiu para longe da vista da Igreja, longe de todo aquele ambiente de incensos e ladainhas, de preces e flagelações e de um constante ar de opressão que o esmagava, qual insecto espezinhado pelos pés dos homens.

Estava a reviver de novo Gallaecia. A mesma rejeição e incompreensão da parte do clero, os mesmos métodos brutais de evangelização, a mesma vergonha e humilhação atirada à cara das gentes locais, tratados como rebanhos tresmalhados por pastores cegos às suas necessidades. Enforcamentos, tortura, fogueiras a arder e o cheiro da carne queimada... Não mentira a Ambrósio e Júlio. Esta cidade estava lentamente a ser tragada e o próprio ar contaminado por um veneno que se insinuava por entre as janelas e as frestas das portas, por entre as campas de cemitérios onde já não se conhecia a paz da morte, assombradas que eram por profanações a coberto do escuro. Tentara descobrir os responsáveis, mas as próprias autoridades visigóticas pareciam

cegas e mudas a todos os apelos e protestos, como se cúmplices desse mesmo terror que não tinha nome nem forma. Os bárbaros tinham caído numa tal complacência, que só acelerava o seu próprio fim. Os seus corações nunca se tinham convertido verdadeiramente à fé católica, e foram precisas árduas lutas de séculos para os fazer abandonar os rituais arianos e, quem sabe, até mesmo antigos rituais pré-arianos de sangue e morte. Nunca foram de confiança.

Mas não havia pistas, nem quaisquer sinais, perpetrados por esse grupo que batia às portas de casa, que roubava homens e mulheres do seu leito para nunca mais serem vistos, que abandonava carcaças de animais esventrados no meio das ruas. Não eram poucas as famílias que abandonavam Olissipo nos últimos tempos, mas quem poderia condená-los?

Caminhava, indiferente aos perigos que pudessem espreitar das esquinas ou das vielas, na esperança de que o ar fresco serenasse os seus ânimos, mas era o odor da decadência que empestava cada um dos seus passos e enegrecia o seu coração.

Algo o fez deter no caminho. Barulhos de homens a correrem, e ao longe, gritos. Passou-lhe pela cabeça que chegara a noite do Juízo Final, e que finalmente as hostes de Deus seriam confrontadas com um flagelo sem nome, mas então percebeu a causa de toda a comoção. Não muito longe, conseguia avistar sinais de fogo. Os fumos não tardaram muito a alcançá-lo. Sinos tocaram e a população saiu à rua para assistir a uma das casas perto dos bosques, destruída por um violento incêndio. Leandro correu em direção ao tumulto, determinado a descobrir a verdade, fosse ela qual fosse.

NUM VELHO CASARÃO, NOS LIMITES DA VILA, OCULTO POR DENSAS ÁRVORES, habitavam três irmãs. Nas suas costas, chamavam-nas em segredo de Parcas, pois em tudo eram semelhantes a essas divindades. Trajavam sempre de negro, a cor da viúva, embora nenhuma delas tivesse uma morte a lamentar. Os seus dedos carcomidos e cabelos longos e grisalhos davam-lhes, por vezes, um aspecto macabro e vagamente semelhante a cadáveres. Mas eram tementes a Deus e ninguém lhes poderia apontar uma falta na sua devoção que levavam ao extremo.

Nessa noite, sabiam que chegara a hora em que as suas fés seriam testadas. O Santo Pai abriria as portas do céu e a eternidade seria passada em glória, pelos feitos justos que cometeram na vida terrena.

Mas não era a voz de nenhuma das irmãs que agora lançava palavras de revolta e escárnio.

— É isso que pensas, maldita velha? Olha para mim! Tens medo que eu destrua a tua alma? Sou apenas uma mulher.

— Tentas iludir-nos com a face da inocência. Quantos enganastes dessa maneira, assumindo candidez e doçura como tua arma? — disse a irmã mais velha com um atizador na mão.

— Pensam saber a verdade? — A mulher que se revoltara, de mãos e pés amarrados, estendida no chão, não conseguia conter o riso, o riso de uma pessoa que fora drogada. — Para vós só existe uma única verdade. Blasfemam. Insultam o vosso Deus com a vossa ignorância! Pensam ser dignas? Pensam que vos foi concedida a honra de serem o instrumento da vontade do vosso Deus? A sujidade que cobre a terra tem mais pureza do que os vossos corações negros!

Uma bofetada fê-la sentir o sabor do sangue na boca. Ela já resistira a muito mais do que isso. Não se iria vergar nunca mais. Levantou-se a custo mas, para seu grande terror, caiu outra vez. Não se conseguia mexer. Com um tremendo esforço, tentou virar-se de costas para o chão. A sua respiração acelerada e os gemidos incoerentes mostravam o seu pânico. Estava vulnerável, outra vez vulnerável. Tão fraca e indefesa como um pássaro ferido nas asas. Os fumos na sala intensificaram-se e ela quase que sufocava ao respirá-los, com os olhos marejados em lágrimas. Tinham anestesiado o seu corpo e a sua mente com bebidas vis. E ela lutava inutilmente.

As três idosas aproximaram-se do seu corpo estendido e semi-inconsciente e começaram a rasgar-lhe a túnica, deixando-a nua. Ela tentava, com movimentos débeis, resistir-lhes. A mais nova lançou os pedaços de roupa para o fogo do braseiro, benzendo-se de seguida.

Depois sentaram-se em bancos num círculo à sua volta, cada uma com um atizador na mão.

— Responde às perguntas que te faremos, se não queres sofrer mais.

A mulher encolheu-se cada vez mais, de olhos fechados. Ela chorava silenciosamente. *Outra vez não!*

— Que idades tens?

Dor ardeu no seu lado direito tal a força da vergastada que recebeu. Lágrimas escorriam pelas suas faces e começou a gemer baixinho como uma criança.

— Não sei! — não reconheceu a sua voz rouca e aterrorizada.

— Tens um ar ainda jovem. Quantos homens e mulheres enganaste com a tua luxúria e perfídia?

A mulher sob tortura tinha que fazer grandes esforços para perceber o que lhe diziam.

— Calma! Não nos apressemos, minhas irmãs, comecemos pelo início.

— Onde te reúnes com o teu vil Senhor?

— Eu não ...

Três aticadores desceram sobre ela. E os seus gritos eram inúteis no isolamento daquele casarão.

— Vou repetir a pergunta. Onde te reúnes com o teu vil Senhor?

A jovem não respondeu. Bateram-lhe mais vezes. Sangue manchava as suas costas e pernas. Algumas zonas eram já insensíveis à dor.

Uma das velhas puxou os seus cabelos e obrigou-a a encará-la.

— Quanto tempo estiveste com ele?

— Toda a minha vida...

— Que fraquezas tem ele? Como podemos matá-lo?

— Matá-lo... não...

— Que dizes?

A mais velha olhou fixamente para a rapariga cujo corpo tremia descontroladamente.

— Cala-te! Ela já não está entre nós. Revive o passado.

E os gritos que soltou nessa hora ecoaram pela casa sem vida, assustando-as com a intensidade da sua angústia.

— O meu lindo bebé... — murmurou baixo.

Uma das velhas ouviu as suas últimas palavras e aproximou-se dela de novo. As outras irmãs tinham-se erguido das suas cadeiras com o choque. A mais velha silenciou-as. Aproximou-se do rosto da rapariga. Num tom suave e quase ternurento, disse-lhe, enquanto afastava os cabelos da sua frente suada:

— Que aconteceu ao teu bebé?

No meio da sua inconsciência, a mulher sentiu o perigo.

— Quem é o pai do bebé? — perguntou-lhe numa voz melíflua.

Começou a tremer cada vez mais. A jovem lutava com todas as suas forças.

— Concebeste um filho? Responde!

Confirmou com um aceno. Suor escorria da sua frente e pelas suas costas nuas.

— Meretriz! — e a irmã mais nova pontapeou-a.

— Chega! Volta para o teu lugar! — foi-lhe ordenado.

— Onde está a criança? — continuava a torturadora no mesmo tom e gentileza.

Então os olhos da jovem abriram-se e a fúria que ardia neles fê-las instintivamente recuar. Sentia o seu coração ameaçar explodir a qualquer momento. Fazia lembrar uma leoa encurralada, mas enfrentando morta certa com dignidade.

— Pensas tu, que eu que vi os velhos poderes, que vi os horrores que fo-

ram cometidos em seu nome, subjugar-me-ei à tua insignificância? A minha criança irá nascer longe do vazio a que condenaram as vossas almas! — Na sua mente, surgiu a imagem da pequena face rechonchuda do seu filho a chorar e as suas próprias lágrimas escorriam-lhe pelas faces. — Ele irá crescer e tornar-se um homem forte e saudável.

Sabia que era uma mentira. Sabia que o seu filho tinha morrido. E com as suas últimas forças, ergueu-se do chão, mas acabou por cair inconsciente. Cólera distorcia as feições das idosas.

— Vai buscar o atizador em brasa. Ela irá confessar sim, nem que me leve o resto da vida a forçar essa confissão dela. Não permitiremos a prol dessas bestas viver impune.

Mas nesse instante, ouviram fortes ruídos à entrada do casarão. Ainda atordoadas pelas revelações da jovem, saíram as três do quarto, trancando-o, e correram pelas escadas abaixo num estado de transtorno, para verificar a causa do barulho.

Alguém batia à porta.

— Quem está aí? Vão-se embora, esta é uma casa de Deus! Não abriremos a porta a estranhos na noite!

Silêncio. E as três velhas, por um instante, julgaram que tinham sido deixadas em paz. Até que um violento estrondo deitou a porta principal abaixo e instintivamente recuaram, aos gritos. Algumas figuras completamente ocultas por capas rapidamente entraram e rodearam o grupo em total histeria. Aterrorizadas, benziam-se continuamente e na mão empunhavam pequenos crucifixos, como se capazes de fazer frente a todo o mal.

Os homens trocaram palavras indecifráveis. Uma das figuras avançou e deteve-se perante as três mulheres.

— Onde está ela? — perguntou na língua local.

— Abandona esta casa, espírito maligno! Não nos vergaremos à ignomínia e às trevas de onde vieste. Pai-nosso que estais no Céu...

As três ajoelharam-se e começaram a orar fervorosamente.

O homem encapuçado soube que não conseguiria nenhuma resposta dali.

— *Hrkun albait*. — Emitiu a ordem aos outros homens na sua própria língua e, rapidamente, puseram-se em movimento.

Quanto a ele, subiu as escadas que conduziam ao corredor de cima e começou a abrir as portas uma a uma. Os quartos estavam vazios, mas ele sabia estar perto daquilo que buscava. Alcançou uma porta fechada. Recuou alguns passos, e pontapeou a porta violentamente, fazendo estalar as madeiras. Mais um pontapé e a porta cedeu. No interior, foi assaltado por um intenso fumo de um braseiro que nublara todo o quarto. O corpo nu de uma mulher

estava estendido no chão e ele ajoelhou-se perto, examinado as feridas. Viu as manchas de sangue a cobrirem o soalho.

— Encontrei-te finalmente. Mas quase te mataram. Malditas!

Retirou a sua capa, revelando uns olhos escuros envoltos por um véu azul índigo, e um traje estrangeiro. Cobriu gentilmente o corpo inconsciente da mulher e carregou-o nos braços, abandonando o quarto. No andar de baixo, as mulheres tinham sido enclausuradas numa das salas e conseguia escutar as suas preces e gritos.

E quando já se encontrava no exterior, começou o primeiro crepitar das chamas e o reboiço da população acordada, mas toda a sua atenção era devotada à mulher que transportava nos braços e que sabia possuir a chave para a sua vingança.

NO DIA SEGUINTE, JÚLIO DE BOBBIO DESPERTOU DO SEU LEITO COM OS PRIMEIROS sinais da alvorada. Uma profunda inquietude dominara-o toda a noite ao tomar conhecimento do fogo e das mortes causadas e, por isso, saudou o nascer do sol com alívio. Fez as suas abluções, envergou o hábito e dirigiu-se à Igreja para as primeiras orações do novo dia. Gradualmente, o seu coração sossegou com esses gestos de rotina que o faziam esquecer os seus fantasmas.

Perante o altar, conseguia fechar-se de todo o mundo exterior e reflectir com calma. O fogo da última noite anunciara uma mudança nas mentes de cada um dos habitantes. A morte das três irmãs idosas, conhecidas pelo seu zelo religioso em toda a região, pressagiava o fim dos esquemas a coberto das trevas, dos golpes anónimos perpetrados por homens que de dia assumiam máscaras de falsidade, para se virem a revelar idólatras e pecadores.

Rezou pela segurança da pequena cidade e rezou para que os ventos marítimos purificassem a escória e abatessem essa nuvem de desolação que crescia a cada dia e noite que passava.

Ouviu passos atrás de si. Pôs-se de pé e estava preparado para abandonar o recinto quando uma mão lhe agarrou o braço por trás. A mão não o agarrara com força, mas algo nesse gesto aterrorizou-o e fê-lo ficar paralisado. Virou-se para defrontar o intruso.

Um homem coberto por uma capa escura dos pés à cabeça estava defronte de si. Não conseguia ver o rosto, todo coberto por um véu azul índigo que deixava apenas um par de olhos incisivos a descoberto. O cheiro desse homem penetrou-lhe o medo que se apoderara de si. O cheiro de um homem que tinha as marcas do mar, do sol e da terra na sua pele; conseguia ver o sal do mar incrustado nas suas unhas, o sol doloroso e fulminante que habitava a sua terra de abundância e fertilidade, até conseguia sentir a neve dos picos elevados a esvoaçarem de encontro ao rosto daquele homem, e então todos os

seus sentidos logo se acalmaram, pois soube que a sua alma não fora naquele instante reclamada por trevas fantásticas, mas por um outro poder antigo da terra.

— Não precisa de me recear, monge. — Falou pela primeira vez o recém-chegado, numa voz firme e decidida.

— Já não o receio. Reconheço em si os sinais. A minha visão não me engana. É um estrangeiro como eu, mas vem de um local onde as constelações são diferentes.

— A sua visão guia-o bem. Também lhe diz o que vou requerer de si?

— Receio que não vá tão longe.

— Preciso que me salve uma alma.

— Porque me escolheu a mim?

— Conheço a sua fama. Preciso de si. Se se recusar a acompanhar-me, terei que recorrer ao uso da força, a não ser que a sua sensatez lhe faça jus. Mas saiba que não é por mim que o chamo, mas por alguém que está a morrer.

Júlio curvou-se numa vénia. Sabia ser perigoso contrariar uma força tão admirável como sentia vir desse homem.

— Estou ao seu serviço.

— Venha comigo.

Os dois homens saíram para o exterior, onde a luz matinal banhava o adro. Por recomendação do estrangeiro, Júlio foi buscar a sua pequena sacola que continha todos os seus utensílios, ervas e pós necessários para curar maleitas. Só então puseram-se a caminho, e Júlio deixou-se levar pela estranheza dos acontecimentos, pensando onde estaria Leandro nesta hora em que mais precisava do auxílio dele.

ENTRARAM NUM CASARIO DISCRETO, SITUADA FORA DOS LIMITES DE OLIS-SIPO. Alguns homens se encontravam em torno do perímetro da casa, protegendo-a de olhares intrusos. Abriram passagem aos dois recém-chegados e o estrangeiro abriu a porta a Júlio de Bobbio. Na divisão principal, uma velha idosa, se debruçava sobre uma tina, perto do fogo da lareira. Quando viu quem entrara, largou tudo e foi ajoelhar-se aos pés do monge, fazendo o sinal da cruz.

— Chega, volta para o teu lugar. — ordenou-lhe o homem do véu azul.

A mulher regressou às suas tarefas, lançando um olhar de ressentimento ao seu senhor. Era muda, para conveniência de todos os que queriam manter os segredos daquela casa e dos seus habitantes.

Júlio foi conduzido a umas escadas, a uma divisão no andar de cima, onde a luz se encontrava barrada pelas portadas que cobriam as janelas. Quan-

do os seus olhos se acostumaram à semi-escuridão, viu uma cama no centro do quarto, ocupada por uma forma franzina. Primeiro, pensou que fosse uma criança, mas quando se aproximou viu que era uma mulher jovem de longos cabelos claros. O rosto estava coberto por feridas, e eram nele visíveis os sinais de uma longa luta árdua. Levantou a coberta do corpo e o seu coração condeu-se ao ver o que lhe tinha sido feito. As dores seriam atrozes.

— Quem lhe fez isto?

— As mulheres que viviam na casa que ardeu.

— Mas porquê?!

— Não importa agora. Faça o que puder por ela, monge. Preciso dela viva e desperta. Trataríamos dela nós próprios, mas os nossos físicos não nos acompanham e não queremos chamar atenções sobre nós. Use os seus conhecimentos e salve-a. Não me desiluda, monge.

Ocorreu a Júlio que tinha um assassino pela frente. Este homem matara, impune, três irmãs e essas mortes seriam para ele como moscas arredadas do seu caminho. Mas Júlio tivera uma visão da terra longínqua a que pertenciam estes homens, e sabia que não pertenciam ao domínio das trevas. Guiado por esse pensamento, começou a tratar da jovem deitada à sua frente, sob o olhar vigilante do estrangeiro que se retirou a um canto da divisão.

Mandou que a serva muda aquecesse água e lhe trouxesse panos limpos, enquanto começava por retirar os seus instrumentos de trabalho da sacola; os pequenos frascos, a faca, as ervas.

Com a ajuda da serva, retirou a maioria das cobertas, com marcas de sangue, e começou a limpar as feridas. Levou-lhe uma grande parte da manhã o tratamento dos ferimentos, sempre consciente da presença do enigmático rosto que o fitava com olhos de falcão. Qual era o interesse deste homem por esta jovem? Porque a salvara e porque era tão importante para ele? Mas continuou o seu trabalho, fazendo preces silenciosas pela salvação de não apenas uma alma, mas duas: a mulher inconsciente e o homem que era consumido por uma grande violência.

Quando deu por terminado o seu trabalho, voltou a cobrir a jovem e afagou-lhe os cabelos claros, afastando-os do rosto. Havia feridas mais antigas no seu corpo. Com o coração transido de pena, Júlio soube que não era a primeira vez que tinha sofrido desta forma. Descobrira outros sinais também que grandemente o alarmaram; sinais de parto recente. Mas não se atreveu a revelar isso, com medo das consequências. O que acontecera à criança? Porque a mãe estava longe do filho? Tantas perguntas, e nenhuma resposta. Falou com o homem do véu, sabendo que ele esperava por uma resposta.

— Pediu-me para salvar uma alma. Só Deus nosso Senhor pode fazê-lo, e se for a vontade d'Ele de despertar esta rapariga para a vida, então ela

viverá. Fiz o que pude quanto às feridas, só nos resta esperar. Ficarei aqui até ao pôr-do-sol, no caso de ela acordar.

— Ficarás aqui até ela acordar, sim. Mas não te será permitido regressar à cidade.

Júlio não gostou de ouvir essas palavras, e mostrou-lhe o seu desagrado.

— Tenho obrigações a cumprir e os meus irmãos me esperam. Se desapparecer sem aviso, o que pensa que acontecerá? O governador local será avisado e vão montar uma busca. Deve deixar-me ir em liberdade. Não precisa de me obrigar a voltar todos os dias para verificar a saúde dela, virei de bom grado, tem a minha palavra.

— Ainda não percebeu, pois não? Não é por receios de fuga que o mantenho meu prisioneiro, mas para sua própria segurança. A sua vida corre perigo. Tem sido observado. Acredite em mim, estamos a protegê-lo.

— Quem me tem observado? Quem me viria buscar? Quero respostas.

O estrangeiro ficou em silêncio, considerando as suas próximas palavras.

— Estivesse eu disposto a partilhar esse conhecimento consigo, seria a sua fé resistente o suficiente? Se soubesse o que eu sei... — aproximou-se de Júlio e baixou o capuz da capa, depois começou por desenrolar lentamente o véu azul índigo que lhe cobria a face. Uma barba escura e grossa cobria-lhe o queixo, mas havia cicatrizes por entre o pêlo, linhas lívidas que o percorriam desde as maçãs do rosto até ao sobrolho. — Quer respostas? Olhe para a minha face desfigurada e tome-a como resposta. Isto é o que acontece se se mete no caminho deles. Essa criança que vê aí deitada habitou com eles no subterrâneo e fez parte da seita, até ter fugido. Soube-o por confissão forçada a um deles, o Intendente que me manteve preso. Eles querem a rapariga. Quando ela acordar, ir-me-á levar até ao local onde se reúnem e então eu terei a minha vingança.

— No subterrâneo? É por isso que nunca ninguém conseguiu detectá-los? Eles vivem debaixo da terra?

— Tive acesso a fontes escritas por um do meu povo. Do que consegui perceber desses abomináveis escritos, eles cavam buracos na terra e habitam em cavernas onde ofertam as suas almas ao *Iblis*. Tornaram-se mais poderosos agora. Deve ter reparado nos sinais por todo o lado.

— Porquê tanto poder de repente? Porque as autoridades fecharam os olhos a tal vilania e horrores?

— As autoridades estão em conluio com eles. O governador local foi corrupto e participa nos rituais de sangue. Nunca abraçou a fé de *nabi Issa*.

Júlio reconheceu a palavra *Issa* com que os sarracenos designavam Cristo. Viu as suas suspeitas confirmadas acerca da origem deste estrangeiro. Então os sarracenos já tinham chegado tão longe, à Península. O que significava a sua presença aqui? Se ao menos Leandro estivesse aqui para aconselhá-lo, ele saberia o significado de tudo isto e perceberia o grande esquema das coisas.

O homem continuou:

— Quanto ao poder deles... Soube por esse intendente que rituais de sacrifício foram feitos há poucas luas. Ofertaram o sangue de crianças. Mas quando insisti com ele para que me dissesse mais, recusou-se e ria-se que nem um louco.

— Sangue de crianças! — Júlio ergueu o rosto para o céu em consternação — Olissipo, os vermes estendem-se debaixo de ti, os vermes te cobrem! Quão alto caíste da graça de Deus!

O estrangeiro ficou em silêncio, enquanto Júlio proferia uma oração pela segurança de todos. Depois disse -lhe:

— Soubemos que vós e o seu companheiro, um antigo monge de nome Leandro de Emérita, foram chamados por um padre para testemunharem os acontecimentos e porem-lhes um fim. Receio que agora ultrapasse o poder de dois meros homens, nunca conseguiriam detê-los.

— Onde está Leandro? Muito me confortaria ver o meu velho amigo ao meu lado. Rogo-lhe para que me deixe vê-lo. É um forte aliado contra as trevas, embora se tenha perdido por entre as sombras. — Acorreu-lhe à mente um súbito pensamento. — Esta é a rapariga da confissão! A que tentou confessar ao padre!

Júlio olhou para ela com novos olhos. Sabendo agora o que sabia, concordou com Leandro de todo o coração. O padre fora cruel demais. Ela fugira de um antro de horrores e procurara por um refúgio, mas o homem afastara-a com as suas acusações e ira. O estrangeiro contemplava também o rosto da jovem. Júlio viu que ele sorria, um estranho e distorcido sorriso.

— Ela é muito forte. Agora venha comigo, Júlio de Bobbio. Há uma coisa que lhe quero mostrar. Não se preocupe com ela, a serva permanecerá ao seu lado.

Encaminhou-o para outra divisão ao fundo do corredor. A porta estava trancada e o estrangeiro retirou uma chave de ferro grossa que lhe permitiu abrir o ferrolho. Quando abriu a porta, Júlio foi ofuscado pela súbita claridade da luz que irrompia pelas janelas. Reparou numa figura de pé, de costas para a porta, mas a contraluz só conseguia ver a sua silhueta negra. Depois a figura virou-se e Júlio ouviu uma exclamação de surpresa:

— Júlio! O que fazes aqui e com esse homem?!

— Leandro! A minha surpresa não é menor que a tua. Não te esperava encontrar nesta casa. Como vieste aqui parar?

O estrangeiro soltou uma risada sinistra que soou esganiçada ao ouvido de ambos os companheiros.

— O seu amigo Leandro seguiu-nos na noite passada. A sorte dele é que já o conhecíamos. Uma pena que este homem não saiba ser mais subtil na sua perseguição. Não nos deu outro remédio senão capturá-lo e trazê-lo connosco.

— Podia ao menos ter-me dado uma explicação para o ataque que me fizeram. Teria poupado a ambos tempo e esforço.

— Não havia tempo. E não nos teria dado ouvidos. Agora sou forçado a deixar-vos. Tenho ordens a cumprir, e os meus mestres não são homens que se façam esperar. São meus hóspedes nesta casa, mas os meus homens foram informados de que não têm permissão para sair. Voltaremos a ver-nos de novo.

— Mas com que direito...

Júlio pôs-lhe a mão no braço e interrompeu-o.

— Eu conto-te tudo. Deixa-o partir. — dirigiu-se para o seu captor. — Presumo que tenha um nome? É justo que saibamos o nome do nosso anfitrião.

— Walid Ibn Tárík AbdelRahman, ao vosso dispor.

Dito isso, o estrangeiro sorriu para ambos, pôs a mão no peito e fez uma ligeira vénia. Abandonou o quarto, deixando-os sozinhos.

— Um nome sarraceno. — disse Leandro para Júlio, num tom perplexo. — O que faz um sarraceno em terras cristãs?

— Os meus pensamentos exactamente. Mas sentemo-nos, temos muito que conversar.

E contou-lhe toda a sua aventura de manhã, o tratamento que dera à jovem, as suas suspeitas e descobertas, e as informações que recebera do homem de nome Walid.

— É óbvio que o nosso anfitrião agora deseja a sua vingança. Mas e ela? Achas que a criança que deu à luz foi...

Júlio estremeceu.

— Leandro, não nomeies esse horror em voz alta, pelo amor de Deus! Mas temo que sim, que tenha acontecido. A sua revolta deve ter sido tão grande que a levou a abandoná-los.

Leandro ergueu-se do banco onde estivera sentado e caminhou em passos agitados pela pequena divisão.

— Que pode ser feito? E se ela acordar e esse homem a usar como isco para obter o que quer? Não podemos permiti-lo.

— Há outra coisa que não estás a considerar, Leandro. Esse homem tem o poder para destruí-los. Tem uma força de homens e a determinação suficiente para pôr fim às abominações que sucedem debaixo de nós! Não há mais ninguém a que possamos recorrer! A quem iríamos expor todo o caso? Ao Governador que é um deles? Ao rei Roderico e todos os nobres bárbaros que estão a quilómetros de distância?

— Estás a dizer que devemos deixá-lo pôr em perigo a sua vida então?

— Leandro, há visões que consigo ver que envolvem este homem... Isto ultrapassa a acção da nossa Igreja. Se conseguisses presentir o que eu pressinto... Ele traz consigo ventos de mudança. Uma grande mudança.

— Convidar os seguidores de Mafomede a intervir é loucura. Sabe Deus o que exigirão de nós depois. Que mestres são esses que ele serve? O que esconde de nós? Isto pode ser um negócio em que as nossas almas estejam a ser postas à venda, Júlio. Pensa nisso.

— Não vejo maldade nenhuma neste homem. E embora seja um infiel, serve o seu Deus com lealdade. Se o preço a pagar é pôr as vidas de todos os habitantes nas mãos dele, então da minha parte, pagarei o preço.

— És realmente um vidente, não tenho mais dúvidas.

Júlio olhou para ele com uma expressão de dor. Leandro tocara-lhe num ponto sensível.

— Porque dizes isso?

— Porque agora não tenho mais dúvidas de que, efectivamente, assistimos aos últimos dias dos reis bárbaros de Hispânia.

E com essa afirmação, ambos caíram num silêncio noturno.

UM GRITO ECOOU POR TODA A CASA, ACORDANDO LEANDRO DA SUA SESTA. Era já noite e o seu coração parou por um segundo. Demorou um pouco a aperceber-se onde estava. Por um estranho instante, julgou estar de novo em Gallaecia a ouvir o grito dos condenados a amaldiçoá-lo.

Limpou o suor da fronte e pôs os pés nas sandálias. Alguém lhe depositara uma vela por cima do banco, e levou-a consigo para orientá-lo no caminho. Saiu do quarto e começou a descer o corredor. Outro grito ecoou pelo enorme casario, que o deixou ainda mais perturbado.

Os gritos vinham do quarto perto das escadas, que suspeitava ser o da rapariga. Dois homens estavam à porta, guardas de Walid, ambos também alarmados pelos gritos. Leandro abriu passagem. Júlio e Walid rodeavam uma figura encostada à parede, encolhida. A serva encontrava-se perto do leito com uma tira de pano na mão, e assistia petrificada. A jovem mulher, coberta por uma túnica, gritava cada vez que Walid tentava aproximar-se. Lágrimas rolavam-lhe pela face, mas não parecia estar consciente delas. Olhava para

todos os lados aflita, procurando por uma saída, mas tudo o que via eram rostos estranhos. Leandro tentou imaginar-se no lugar dela e condeou-se. Ouvia Júlio sempre a repetir as mesmas palavras:

— Minha filha, queremos ajudar-te. Não tenhas medo, não te faremos mal.

Depois ouviu as primeiras palavras da mulher que se refugiara num canto, como um animal feroz:

— Vais-me expulsar de novo? Bater-me como aquelas velhas? Mato-te se me tocares de novo!

Leandro decidiu então intervir:

— Júlio, abandona o quarto! Ela receia o teu hábito, julga-te o padre ou um seu cúmplice.

Todas as atenções pousaram sobre ele então. A mulher olhou para ele com medo e confusão. Júlio, apercebendo-se de que Leandro tinha razão, saiu logo do quarto, ficando do lado de fora.

— Desculpa-nos. — disse-lhe Leandro numa voz calma e segura. — Mas ele tem razão, não nos deves recear. Este homem — apontou para Walid que aguardava tenso — salvou-te das velhas. Ele entrou na casa ontem à noite e salvou-te. Nunca mais irás voltar a vê-las, prometemos. Nunca mais ninguém te voltará a bater, enquanto estiveres connosco. Estás a salvo agora.

Ela olhou-o com suspeita, ainda sem querer acreditar. A sua túnica apresentava manchas de sangue. Devia ter aberto de novo algumas das feridas no seu arrebatamento.

— Estás ferida. Deixa-nos tratar de ti, devias descansar. O homem que está lá fora não é amigo do padre. Está aqui para te ajudar. Eu e este homem que te salvou vamos todos embora e deixar-te sozinha.

Ele e Walid, juntamente com a serva, abandonaram o quarto perante o olhar perplexo da rapariga. Ela limitou-se a observá-los, ferida demais para se mover, triste demais para se rebelar. Fechou os olhos por uns segundos, e desfaleceu e, de novo, afundou-se em estranhos sonhos. Rapidamente, voltaram a deitá-la.

DIAS MAIS TARDE, O MONGE REPAROU QUE ELA PASSAVA MUITO TEMPO EM conversa com Leandro. Falava com ele, ou apenas escutava as histórias que ele tinha para contar. Parecia ter encontrado algum conforto naquele homem que nada pedia dela, que apenas a ouvia ou lhe falava do mundo exterior que não conhecia.

Júlio ficava contente ao vê-los embrenhados em conversa. Sabia que Leandro procurava recompensar os erros que cometera no passado, e via agora a oportunidade de se redimir através da jovem mulher. Mas Walid crescia

em inquietação, e todos os dias insistia para que Leandro lhe revelasse alguma informação preciosa. Leandro nunca revelava nada ao sarraceno, recusando-se a confiar nele. Walid então proibiu-os de conferenciarem sozinhos, e passou a assistir a todas as conversas.

Cedo, Júlio deu por si a passar as tardes naquele quarto, juntamente com Walid e Leandro. No fundo, todos também procuravam distrair a jovem e tirá-la do estado de tristeza e abatimento em que caíra. Como recusara revelar o seu nome, afirmando que o seu nome era uma ligação ao passado e queria deixar todo essa vida para trás, deram-lhe um novo nome.

— Noor. — dissera Walid.

— Ao menos tinhas a decência de te lembrar de um nome cristão. — respondera Leandro.

Mas ela gostara desse nome.

— O que significa? — perguntou a jovem.

— Luz. — disse simplesmente Walid.

Ela deu então o primeiro sorriso. E ao vê-la sorrir, Leandro não mais protestou sobre a estranheza do nome.

Havia assuntos que ela não abordava, reparou Júlio. Contara-lhes que vivera até aos oito anos com a mãe num sítio isolado nuns montes, mas tinha sido levada. Depois disso, silêncio. Não queria lembrar-se, nem contar sobre o que lhe acontecera durante esses anos. Mas contou-lhes como fora encontrada pelas três irmãs, esfomeada e exausta, e como confiara nelas a ponto de contar a sua história.

Walid impacientava-se cada vez mais, e uma vez tentou obter informações mais precisas sobre onde vivera e como conseguira fugir. A tentativa terminou com Leandro e Walid aos gritos no exterior da casa. Aqueles dois odiavam-se um ao outro, era óbvio.

Mas quando a confissão veio, veio da forma mais calma e inesperada.

— Porque usas sempre esse véu azul? — perguntara uma vez Noor a Walid.

— Foi um presente dos meus amigos do deserto. Protege-me de maus espíritos.

— Posso usar um também? — pediu-lhe Noor.

— De que maus espíritos queres ser protegida? — testou-a Walid.

— Eles vêm aí. Eles crescem e engordam na escuridão. Não falta muito para a celebração. E ... eu... não sei se tenho forças suficientes desta vez para... — a sua respiração tornou-se ofegante.

— Celebração? Quando é esta celebração? Onde se reúnem para celebrar, Noor? Diz-me. Eu quero ajudar-te, mas tens que me dizer. Por favor, diz-me. — A voz de Walid soava implorante.

— Saberás quando chegar. — E mais não conseguiu arrancar dela.

Os três homens em vão discutiram sobre o significado da celebração e só restou a Walid confiar nas palavras de Noor de que saberia quando chegasse a hora. Então estaria preparado para fazer frente a tudo e consumir a sua vingança. Ele estaria preparado.

QUANDO A HORA CHEGOU, NENHUM DELES ESTAVA PREPARADO.

Mas Noor reconheceu os sinais e com uma nova determinação, vestiu-se e abandonou o quarto em silêncio. Desceu as escadas, confiante, de cabeça erguida, preparada para enfrentar a longa noite. A sua última noite.

Seria difícil iludir os guardas no exterior do casarão, mas envolvida na sua capa, esperou. E esperou. Depois tudo começou com o vento. O som de guinchos estridentes chegou aos seus ouvidos pela primeira vez, e como todas as vezes que os escutara no passado, a sua pele arrepiou-se e o horror tomou o seu coração. Mas desta vez, o seu coração era de pedra e então resistiu. Ouviu as exclamações abafadas dos guardas e as palavras proferidas naquela estranha língua. O vento transportava nas suas asas os chamamentos e pulsava com a ventura das criaturas pela libertação tão ansiada. Voavam sobre Olissipo invencíveis, anunciando a chegada da celebração. E por um breve instante, ela quis partilhar dessa alegria venenosa e exultar com o triunfo dos velhos poderes.

Os guardas gritavam agora, o medo evidente nas suas vozes. Antes que os homens da casa a detivessem, ela abriu a porta e saiu para o exterior. Todos olharam na sua direcção, mas nenhum impediu a sua passagem. Não dando tempo de reacção, encaminhou-se para o centro da cidade com toda a rapidez que o seu corpo afligido lhe permitia, preparada para tomar o seu lugar entre os irmãos que a esperavam.

Quando alcançou o coração da cidade, alguns dos seus irmãos já tinham saído das casas e formado uma procissão. Cada um transportava uma vela e caminhava com um brilho nos olhos e os rostos cobertos de suor pelo ar invulgarmente quente da noite. Tantos, pensou Noor. Ao verem-na chegar, abriram-lhe passagem e acolheram-na sem trocarem nenhuma palavra. Então a procissão retomou a sua marcha inexorável, sob os guinchos das bestas aladas que semeavam o terror nos céus e na terra.

Noor viu o corpo de homens enforcados a penderem de algumas janelas, como espectros a lançarem-lhe olhares de descrença. Havia um preço a pagar esta noite, pensou com tristeza. Mas a maioria das casas revelava apenas cortinas fechadas e silenciosas. A procissão continuou até avistar o seu destino. Lá estava, imponente, a Igreja com as suas portas abertas de par em par, como um farol de luz invulgarmente forte a incendiar a noite cerrada.

Eles nunca tinham suspeitado de que tinham construído a sua Igreja devotada ao homem da cruz num antigo local de culto. Era ali a passagem que conduzia aos abismos e ao mundo onde vivera e concebera. Recordou-se daquela manhã em que saíra do subterrâneo para a solenidade da nave, onde o padre a encontrara.

Vindo do cemitério no espaço à volta da Igreja, chegavam até a si as notas bizarras de flautas tocadas por desconhecidos. Homens cobertos por máscaras dançavam por entre as campas, e nessa dança despertavam um poder adormecido. Crianças e mulheres de mãos dadas formavam círculos, e numa hipnose induzida lançavam ao ar palavras de ânsia e antecipação. Era uma estranha congregação como se muitos dos habitantes estivessem presos a um encantamento, numa celebração que anunciava uma nova vida de sombras.

Atravessou o pórtico da Igreja e olhou para trás pela primeira vez. Os rostos ocultos pelas trevas desfilavam ao seu encontro, assim como o ar febril que sentia na pele como o calor do corpo de um homem. Mas esta não era uma noite de homens.

Continuou em frente, atravessando a nave em direcção ao púlpito, onde podia escutar os gritos de um homem moribundo. Ela desviou o olhar do homem e concentrou-se em atravessar os alçapões que conduziam à cripta. As velas iluminavam o caminho descendente para o subterrâneo e o ar tornava-se progressivamente mais quente. O cheiro da decadência e humidade irrompeu das celas que atravessavam, à medida que desciam os degraus de pedra que conduziam às profundezas. Não tardou muito para que alcançassem o nível inferior, onde permaneciam intocadas desde há séculos as catacumbas, recessos escavados na rocha que há muito se tinham tornado o reino de vermes.

Lembrou-se de uma história que lhe tinha sido contada há já tanto tempo. A história de um homem que descia aos Infernos para salvar a alma da sua amada e resgatá-la das presas da morte. Ela descia ao Inferno ao encontro da morte, mas ninguém a salvaria como nas antigas histórias.

Por fim, a mulher a quem deram o nome de Noor alcançou o solo. A procissão contornou as muralhas de rocha e diante deles abriu-se o mundo subterrâneo. Uma enorme caverna natural circundava um lago oleoso que emitia um estranho brilho, e no seu centro crescia uma terrífica coluna de chamas esverdeadas. E o ar frio que vinha desse lago era como o beijo da serpente, trazendo até ela todo o veneno.

Ali, no coração das trevas, numa plataforma rochosa incrustada nos ossos da terra, a pairar por cima do lago, viu os seis altares de pedra cobertos de sangue rodeados por um círculo de tochas de fogo.

Ao ver os corpos prostrados em torno da plataforma, a adoração senil

e incondicional, apercebeu-se da cegueira a que tinha sido submetida e soube que toda a sua dignidade lhe tinha sido roubada. Mas agora regressara, preparada para recuperar a dignidade no local onde a perdera.

Estavam todos presentes e o ar vibrava com o som dos seus cantos numa língua que perdera o nome, prostrando-se no chão de forma abjecta, implorando por uma libertação que não tardaria a vir.

Aproximou-se cada vez mais dos degraus que conduziam à plataforma, indiferente aos olhares hostis que lhe ordenavam obediência. As águas oleosas do lago agitavam-se com os movimentos das asas das criaturas aladas, montadas por seres que outrora tinham sido homens, toda a carne agora pútrida.

O Alto Sacerdote em frente aos altares, com os braços e a máscara de seda amarela erguidos para o céu, instigava a matéria feérica a irromper dos abismos. E quando Noor começou a subir os degraus de pedra, a grande figura desviou a sua atenção para a mulher e ela sentiu com uma força arrasadora todo o ódio por trás dessa máscara. O seu medo ameaçava toldar-lhe a iniciativa, mas continuou em frente, sustentada pela crença de que já nada mais tinha a perder.

Ele esperou por ela. Esperou para que ela retirasse o capuz e revelasse o rosto. E assim o fez. Noor olhava para a abominação que exigia vidas que fossem sacrificadas em nome dos velhos poderes. Ela acreditara também, mas a sua crença fora retribuída com dor. Não importava agora que os seus ossos fossem quebrados um por um e atirados para fora, esquecidos, ou que fosse tragada pelos fogos dos abismos porque não era uma estranha a sofrimento. Nunca o fora. E ali estava, na acção mais desesperada da sua vida, pronta para entregar a sua vida.

— Dou-vos o meu sangue. — E proferiu essas palavras, sabendo agora não haver retorno. — Dou-vos o meu sangue para que escorra livremente por entre estas rochas e por estas águas, para que sacie a sede dos nossos deuses, para que os torne mais fortes e vivos entre nós.

E uma grande ovação irrompeu da multidão congregada pois havia um preço a pagar esta noite e todos os auto-sacrifícios feitos engrandeceriam a celebração. O Alto Sacerdote veio até ela e envolveu-a na sua sombra. Ela não se encolheu, sabendo que se vacilasse agora ou mostrasse medo, não provaria ser sincera na sua devoção.

Depois, num gesto tão súbito e inesperado, ele prendeu-a pelo pescoço e o toque das suas mãos mandou ondas de choque a vibrarem por todo o seu corpo. Mas depois começou a verdadeira dor. E gritou como nunca gritara em toda a vida.

Então tirou a faca que roubou dos objectos de Júlio e fez o que veio fazer.

A SUA CIMITARRA ATRAVESSOU A CARNE DO HOMEM QUE SE INTERPUSERA no seu caminho. O grito de dor trouxe-lhe memórias que o perseguiam todos os dias. Quase que desistira naquela prisão onde se esquecera de quem tinha sido. Mas a sua força fora testada de formas que julgava não serem possíveis e soube que se sobrevivera a todo aquele sofrimento, sobreviveria a tudo daí em diante. Walid procurava freneticamente pela rapariga que tinha perdido. E procurava por ela com uma ferocidade que Leandro teria julgado que era a sua própria vida que estava em risco.

Eles tinham ouvido o som das criaturas a sobrevoar os ares e sentido a estranha atmosfera que invadira de repente a cidade, como se nesse momento todas as forças tivessem sido libertadas e manifestadas em Olissipo.

O desaparecimento de Noor fortalecera o sentimento de perigo e foi com um alarme crescente que uma força de homens abandonara o casarão e se dirigira ao centro da tempestade. Pois era efectivamente uma tempestade que se abatera sobre a cidade, uma da qual não saíam intactos. No caminho não tinham encontrado obstáculos, as ruas totalmente desertas, como se todos os habitantes tivessem sido postos em fuga. Cedo encontraram sinais que os conduziram à Igreja. Tinham-se detido perante as suas portas, subitamente conscientes de que ali residira, o tempo todo, a chave de todos os enigmas.

Ao atravessarem as portas, ao fundo, no altar, uma visão de horror os aguardara. Júlio gritou horrorizado e tentou acorrer ao altar, mas Walid e Leandro não o permitiram. As órbitas vazias do Padre Ambrósio ainda gotavam sangue sobre o chão, manchando o seu corpo profanado. As mãos e os pés tinham sido apregoados a umas madeiras toscas que reproduziam a forma de uma cruz, e fora flagelado muitas vezes. Morrera crucificado, sem possibilidade de fuga dos pesadelos que o tinham assombrado. Júlio tentou retirar o corpo arruinado da cruz, rezando pela sua alma.

Mas Walid sabia que não havia tempo a perder. E quando os homens encontraram a passagem para as criptas aberta, preparara-se para enfrentar a escuridão. Leandro tinha escolhido acompanhá-lo, mas Júlio ficara, demasiado atordoado ainda pela crueldade que fora infligida no padre.

E agora o sarraceno abria caminho com a força da sua cimitarra, deixando um trilho de sangue à sua passagem. Ondas de calor dificultavam cada vez mais a descida do grupo e não tardou muito para que se apercebessem de que um fogo deflagrara nas profundezas. Homens e mulheres tentavam escapar, numa torrente desordenada e em pânico, de uma morte por asfixia, fugindo para a superfície.

As cimitarras continuavam a refulgir numa dança tresloucada, tirando a vida a todos os seus alvos. Cedo alcançaram a caverna e o que viram nesse momento encheu-os de espanto. O lago inteiro ardia em chamas e começara

a devorar todos os que caíam nas suas garras. Os guinchos terríveis das criaturas aladas apanhadas pelo fogo despedaçavam os ouvidos dos presentes e a caverna tornara-se um antro infernal de almas consumidas por um grande incêndio. Walid e Leandro, com a respiração dificultada, não precisaram de trocar palavras. Ambos procuravam o mesmo.

Separaram-se quando uma das criaturas tombou quase em cima deles, deixando uma cratera no chão e soltando um cheiro agonizante que os forçou a embrenhar cada vez mais no interior, próximo do lago.

Leandro seguiu pelo único caminho que lhe parecia possível por entre o caos, em direcção a uma plataforma onde esperava obter uma boa visão de toda o subterrâneo. Empurrou, ameaçou, gritou por Noor até ficar rouco e sem respiração, mas uma pancada derrubou-o ao chão e fê-lo cair de joelhos, com sangue a escorrer pelo seu rosto. Persistiu e continuou a rastejar junto ao solo, até alcançar os degraus que conduziam ao topo das rochas. Depois o seu coração gritou de alívio porque a encontrara, mas não sabia se viva ou morta. Ao lado, apodrecia uma forma humanóide hedionda, e sem pensar duas vezes, levantou o corpo de Noor e começou por retroceder o longo de caminho de volta para a superfície. Os seus olhos procuravam em desespero pelo auxílio dos sarracenos, mas mal conseguia vislumbrar o caminho à sua frente.

Passo a passo, atravessou a caverna conseguindo evitar os obstáculos que tropeçavam no seu caminho. Receou que a passagem tivesse sido obstruída, mas encontrava-se desimpedida, com a maioria dos pagãos a morrerem às mãos dos sarracenos ou em fuga.

Antes de finalmente iniciar a subida para a Igreja, olhou para trás uma última vez, e no meio da chacina e do fogo, ao assistir à destruição daquele templo, soube que por mais anos que fossem empilhados sobre todos aqueles escombros, continuaria a existir uma grande escuridão com uma forma e um nome que os iludia, mas que ali cumpria o seu tempo de espera na terra, indiferente a todos os contratempos. Esperava e esperava, preservado no inconsciente humano, até ser despertado pelo regresso dos velhos deuses da destruição e violência.

— POBRE WALID. — DISSE NOOR. — ROUBEI-LHE A VINGANÇA. ESPERO QUE me perdoe.

Leandro transportava Noor nos seus braços, e não se apercebera de que a rapariga recuperara a consciência. A voz ainda fraca murmurara-lhe essas primeiras palavras.

— O que aconteceu lá em baixo? — Leandro subia os degraus num passo lento e cuidadoso na semi-escuridão.

Ela levou algum tempo para responder à pergunta.

— Matei o Alto Sacerdote antes que me matasse. Depois deitei uma das tochas de fogo ao lago. Sabia que isso nos destruiria a todos.

Leandro não lhe fez mais perguntas. Estava demasiado cansado e a sua mente ainda atordoada pelo que vira. Avistou a luz que banhava a Igreja ao longe e com uma determinação renovada, ascendeu à superfície.

O inteiro recinto apresentava-se completamente destruído pela multidão que fugira. Alguns cadáveres se encontravam estendidos no chão, mas Leandro ignorou-os, e procurou por Júlio, receando pela sua segurança.

O monge ainda estava ao lado do corpo do padre, agora coberto por um pano, e ao ver Leandro e Noor, correu para eles. Abraçou o amigo e ajudou-o a depositar Noor no chão. Deu-lhes o seu odre de água e esperou para que recuperassem o fôlego. Perguntou-lhes pelos sarracenos e disseram-lhe que tinham permanecido em baixo, a lidar com os sobreviventes. Leandro não precisou de dizer mais nada, pois Júlio lera nos seus olhos a loucura de Walid.

Quando sentiu algumas das forças recuperadas, Noor pôs-se de pé.

— Tenho que vos deixar agora.

Leandro e Júlio, chocados por estas palavras inesperadas, ergueram-se do chão e rodearam-na. Instaram-na a permanecer junto deles, e declararam que não podiam deixá-la partir sob nenhuma circunstância. Júlio tentou convencê-la a ouvir a voz da razão.

— Minha filha, estás magoada. Necessitas de cuidados.

— Não receies por mim, monge. Regressei do Inferno, pensas que estas feridas me importam? Deixem-me partir, imploro-vos.

— É melhor permaneceres aqui, até ao regresso de Walid.

— Walid nunca me deixará partir. Não quero a sua protecção. Desejo partir. Esta noite ainda.

Leandro, silencioso durante toda a intercalação, sabia não haver outra alternativa senão deixá-la partir.

— Júlio, deixemo-la ir. Ela tem um caminho a percorrer, longe daqui.

Júlio olhou para Leandro, primeiro determinado a contrariar essa decisão, mas quando viu o rosto inflexível do seu companheiro, sabia ser inútil. Por mais que quisesse manter Noor em segurança, sabia também que os laços que a prendiam a Olissipo tinham sido cortados. Deveria partir daquela cidade, daquele vale de sombras que não lhe trouxera nada mais do que mágoas. Baixou os braços, e acenou com a cabeça em resignação. Noor não perdeu tempo. Abraçou o monge e agradeceu-lhe de todo o coração pela sua bondade. Com Leandro, ela manteve distância mas apertou-lhe a mão e trocou um olhar com ele que não precisava de palavras.

Pela face da rapariga, escorriam lágrimas de cansaço e alívio e conti-



nuaram a escorrer mesmo depois de atravessar o pórtico e começar a correr para longe, para longe de Olissipo e para longe do par de olhos de um bom homem.

WALID IRROMPEU DA IGREJA PARA O AR FRIO DO EXTERIOR, ONDE JÚLIO E Leandro o aguardavam, com a roupa completamente ensanguentada e o véu azul ındigo agora negro de fuligem e p, reduzido a farrapos. Na mão, transportava uma cimitarra manchada de sangue e as cicatrizes que cobriam o seu rosto apresentavam-se agora mais lívidas do que nunca. Uma tosse horrível impossibilitou-o de falar por momentos, mas quando recuperou o controlo, fez apenas uma pergunta.

— Para onde ela foi?

Silêncio foi a única coisa que recebeu em troca.

— Respondam-me, malditos! Exijo uma resposta.

— Esteve aqui, mas partiu. — disse Leandro numa voz calma que contrastava com a violência incontida de Walid.

Os olhos do sarraceno soltaram faíscas de indignação e, por momentos, julgaram que iriam ser atacados pela sua espada. Gritos soavam  volta, mas nada parecia afectar aqueles trs homens em confrontação silenciosa. Então Walid perdeu todo o controlo das emoções.

— Deixaram-na ir?! Loucos! Não a deviam ter deixado partir sozinha!

— Walid tentou abrir caminho por entre Leandro e Júlio, mas foi detido por ambos. — Abram-me passagem agora!

— Ela não te pertence. Tens que deixá-la partir, a vida dela não nos pertence. Ela escolheu partir e respeitmos essa decisão.

— Ela morrer sozinha nesta maldita terra. Não vou permitir isso!

— Walid tentou derrubá-los a ambos, mas revelaram-se surpreendentemente fortes. Leandro prendeu-lhe os braços e forçou-o a ajoelhar-se no chão.

— Sempre quis fazer-te isso, depois daquela noite que me fizeste prisioneiro.

— Seu idiota! Comigo ela estaria mais segura, poderia mantê-la sob minha protecção. Quando eles vierem, ela pode ser apanhada desprevenida. Eu posso protegê-la!

— Quem são *eles*? — Leandro agarrou Walid pelo colarinho e abanou-o. Os seus rostos aproximaram-se, cada um subitamente consciente de que enfrentava agora o rosto de um inimigo. — O que queres dizer com isso? Maldito sejas! Diz a verdade e revela de uma vez por todas os teus planos!

Júlio tentou intervir entre ambos, mas Walid sacudiu as mãos de Leandro e afastou-se, o seu rosto e traje todos cobertos de sujidade e marcas de fuligem.

— Entregaste Olissipo ao teu povo, não foi? — acusou-o Leandro.

— Não. Foi a própria cidade que se entregou nas nossas mãos! Estava escrito que a cidade cairia. Dá graças ao teu Deus por vos termos salvo de um destino pior que a morte.

— Seu filho de uma cadela! Isto nunca foi apenas uma questão de vingança, pois não? Estavas a conspirar para nos entregares aos teus mestres. Mas primeiro tinham que pôr cobro aos pagãos que ameaçavam o vosso poder!

— Seus idiotas cegos! Ainda não perceberam? Nem tu, Júlio, percebebeste ainda? Olissipo é apenas uma gota de água no grande esquema. Já tudo foi posto em marcha e nada os deterá de momento! Hispânia será conquistada pelos exércitos sarracenos dentro de meses! O vosso rei foi traído pelos seus próprios homens, vieram até nós e venderam-nos a lealdade deles! Chamas-me a mim um cão, mas o que dizer da vossa raça?

Júlio e Leandro fitaram Walid com incredulidade. Pensaram que Olissipo seria talvez um baluarte sarraceno para outras conquistas menores e saques e pilhagens. Mas as palavras de Walid revelavam uma invasão em larga escala. Walid continuou, indiferente ao choque que as suas palavras causavam:

— Porque acham que vim para esta terra amaldiçoada em primeiro lugar? Era um espião, relatava as actividades dos governadores locais aos meus mestres, mas eles apanharam-me e queriam que revelasse a minha identidade e todos os nossos planos. Resisti o tempo suficiente para que os meus irmãos viessem em meu socorro. Nunca vos quis causar mal, mas isto ultrapassa-nos a todos. Em menos de um ano, o nosso comandante irá atravessar o mar e pôr fim a Roderico. E então irá ser cumprido o nosso destino.

— Que destino? — perguntou Júlio numa voz rouca e abatida.

Walid sorriu aquele sorriso enigmático que se tinham habituado a ver nele.

— O de governar esta terra por séculos que virão e preservá-la para os nossos descendentes. Somos afortunados o suficiente para assistir à chegada de uma nova era.

— Que nos irá acontecer a todos? — perguntou Leandro num tom desolado.

— Não nos tomes por carneiros, Leandro. Haverá uma guerra e muitas outras guerras, mas a terra irá continuar a prosperar, assim como, o seu povo. Iremos aprender a viver juntos, espero eu.

Os três ficaram espedrados no meio do adro, exaustos e sem forças para se mexerem.

— Noor ficará bem. Ela é muito forte, como bem sabemos. Ela sobre-

viverá, mesmo que mais nada sobreviva. — disse Júlio, calmamente.

— Essa é uma das tuas visões, monge? — perguntou-lhe Walid.

— Não. De modo nenhum, meu amigo.

A NOITE VIVIA AINDA NO SEU CORAÇÃO. FORA NOS ABISMOS DA NOITE QUE vivera durante tanto tempo. Cruel e caprichosa, a noite usurpara todas as suas esperanças. Naquele instante, Noor saiu de debaixo dos ramos das árvores e permaneceu durante longo tempo, imóvel e tensa, atenta a cada movimento. Nem os gritos que escutava ao longe da direcção da vila conseguiram destituí-la daquela imobilidade de estátua. Não estava só e sabia-o. O seu corpo tremia e implorava-lhe por um grito. O medo lentamente sufocava-a, roubando-lhe todo o ar. Fechou os olhos.

Que receias? Memórias inundavam os seus pensamentos como uma torrente desordenada. *A escuridão. Sei que, todas as noites, irei ouvir as suas vozes a chamar-me. Sentirei na minha pele o contacto dos seus dedos frios e não quero abrir os meus olhos. Estarão à minha volta, e vê-los seria a morte.* Fora essas as palavras que respondera a Leandro no que parecia já ter decorrido uma eternidade e agarrou-se a elas, buscando por salvação.

Lentamente, recuperou o controlo das batidas do seu coração e sossegou perante os inúmeros olhares das criaturas que se ocultavam nas trevas, olhares que se iluminavam de desejo por si, mas que agora não passavam de meros dejectos, perdida toda a força e poder. Eles não voltariam a assombrá-la. Talvez levasse anos a encontrar algum conforto, mas recuperara a sua vida agora e era mais forte do que alguma vez tinha sido.

O olhar de Noor desviou-se para cima, para a escuridão povoada de estrelas. Com o sentimento de uma primeira vez, deixou-se envolver pela vastidão dos céus. Depois de anos de clausura, depois de um longo e lento definhar, sentia agora com uma força arrasadora todo o seu triunfo, toda a sua liberdade. Tinha um novo nome, e levava-o consigo para iniciar uma nova vida.

Pôs de lado todos os receios e dúvidas para centrar-se apenas na dádiva desse nome, o primeiro momento de uma longa odisseia em que a sua vida já não seria um jogo às mãos de poderes inomináveis que durante tantos anos rastejaram nos seus sonhos, transformando em pó toda a sua inocência.

Por fim, caminhou sem medo, em direcção à estrada, e desapareceu na noite.